



CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
Universidade Paranaense – UNIPAR
Unidade Umuarama – 1997-2019

ISABELA DE OLIVEIRA BELIATO

A (RE)EXISTÊNCIA FEMININA: Proposta de reinserção da mulher na sociedade

UMUARAMA

2019

ISABELA DE OLIVEIRA BELIATO

A (RE)EXISTÊNCIA FEMININA: proposta de reinserção da mulher na sociedade

Trabalho de conclusão apresentado à Banca Examinadora do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Paranaense – UNIPAR, como parte das exigências para a obtenção do grau de bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof.^a Me. Amanda Paixão

Umuarama

2019

ISABELA DE OLIVEIRA BELIATO

**A (RE)EXISTÊNCIA FEMININA: proposta de reinserção da mulher na
sociedade.**

Trabalho de conclusão de curso aprovado como requisito parcial para obtenção
do grau de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Paranaense –
UNIPAR, pela seguinte banca examinadora:

Jéssica Salvador Herrig

David Herrig

Amanda Paixão

Umuarama, 04 de dezembro de 2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha mãe Zoraide por ser essencial na minha vida e por ter feito de tudo para que eu estivesse hoje aqui.

A toda minha família e amigos por me incentivarem a ser uma pessoa melhor e não desistir dos meus sonhos.

Ao Lucas, por participar e entender como é desgastante o curso de arquitetura, e mesmo assim me apoiar e aguentar nos dias difíceis, e por auxiliar em grande parte deste trabalho.

Aos amigos que conheci durante o curso, principalmente, Yasmin, Fernanda e Romário, que permitiram que essa caminhada fosse mais alegre.

A minha orientadora, professora Amanda Paixão, pela paciência, dedicação, suporte, pelas brilhantes ideias, e principalmente, pela motivação e vontade em passar seu conhecimento.

A UNIPAR e seu corpo docente pelas experiências vividas durante esses cinco anos.

E finalmente, a Deus, pela sabedoria e saúde concedida para finalizar este curso.

*Que nada nos limite, que nada nos defina,
que nada nos sujeite. Que a liberdade seja
nossa própria substância, já que viver é ser
livre. Porque alguém disse e eu concordo que
o tempo cura, que a mágoa passa, que
decepção não mata. E que a vida sempre,
sempre continua.*

Simone de Beauvoir

RESUMO

A importância das mulheres na história da humanidade no fundamento das bases sociais e nas formas como utilizamos o espaço público é determinante em diversos aspectos. A igualdade, tão estimada por essa luta social, é um ponto determinante quando se discute o uso dos espaços públicos. A cidade nunca pertenceu às mulheres, a implicação disso é que seus corpos também não. O simples ato de andar pelas ruas faz com que assumam o risco de tornar seus corpos tão públicos quanto o espaço. O presente trabalho teve como objetivo compreender o espaço público por meio da perspectiva feminina, buscando questionar a relação do corpo com o espaço público e como as diretrizes projetuais voltadas para questões de gênero que podem transformar o meio urbano. Pretende-se garantir autonomia às usuárias por meio de um espaço que garanta apoio e que se adeque a suas experiências.

Palavras-chave: Gênero, espaço público, mulher, cidade.

ABSTRACT

The importance of women to human history in the foundation of social base and the forms how we use the public space is determinant in different aspects. The equality, so cherished by the social struggle, is a decisive factor when it is discussed the use of public spaces. The city had never belonged to women, this implies that her bodies not as well. The simple act of walking in the streets makes women take on her bodies as public as the space around. The objective of this work was not only to comprehend the public space through the female perspective, seeking to question the relation between the female body and the public space, but also the guidelines regarding the gender approach that can transform the urban environment. The aim is to ensure autonomy to women through a space that ensures the support and suits their experiences.

Keywords: Gender, public space, woman, city.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Casa da Mulher Brasileira	17
Figura 2 – Infográfico demonstrando a abrangência do planejamento de gênero.....	19
Figura 3 – Fachada da Casa da Mulher Brasileira de Brasília	22
Figura 4 – Fachada da Casa da Mulher Brasileira de Brasília	23
Figura 5 – Setorização Casa da Mulher Brasileira	24
Figura 6 – Planta baixa de edificação	25
Figura 7 – Imagem pátio interno do edifício	26
Figura 8 – Fachada externa da edificação	27
Figura 9 - Entorno imediato da edificação	27
Figura 10 – Vista para o pátio interno da edificação	28
Figura 11 - Vista superior da edificação	28
Figura 12 – Planta baixa térrea e superior da casa abrigo	29
Figura 13 – Fluxograma	30
Figura 14 – Planta baixa térrea e superior da casa abrigo	31
Figura 15 – Cortes.....	32
Figura 16 – Imagem pátio do interno do edifício	32
Figura 17 – Implantação.....	34
Figura 18 – Entorno.....	34
Figura 19 – setorização	35
Figura 20 – Planta Térreo	35
Figura 21 – Planta baixa 1º pavimento.....	36
Figura 22 – Planta 2º Pavimento.....	36
Figura 23 – Corte	37
Figura 24 – Praça das Artes.....	37
Figura 25 – Praça das artes	38
Figura 26 – Distância CRAM e Delegacia da mulher	40
Figura 27 – Vista do terreno	40
Figura 28 – Serviços perto do terreno proposto	41
Figura 29 – Vista do terreno	41
Figura 30 – Tipologia das vias.....	42
Figura 31 – Análise das condicionantes.....	42
Figura 32 - Perfil do terreno.....	43

Figura 33 - Percurso empoderamento.....	44
Figura 34 - Os três níveis de entendimento	46
Figura 35 – Setorização	47

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Percentual de mulheres que sofreram algum tipo de violência no mundo	13
Gráfico 2 – Percentual de mulheres que sofreram algum tipo de violência no Brasil	14
Gráfico 3 – Percentual por tipo de violência no Brasil	14
Gráfico 4 – Percentual de mulheres que sofreram algum tipo de violência no Paraná	15
Gráfico 5 – Ordenamento das UFs segundo taxas de atendimento feminino (por 10 mil). Brasil. 2014.....	15

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	DO PODER À VIOLÊNCIA.....	12
1.1	Dados da violência contra a mulher.....	13
2	JUSTIFICATIVA	17
2.1	Espaços para mulheres.....	17
3	OBJETIVO GERAL	20
3.1	Objetivos específicos	20
4	METODOLOGIA.....	21
5	ESTUDOS DE CASO	22
5.1	Casa da Mulher Brasileira	22
5.1.1	Conceituação.....	23
5.1.2	Contextualização	23
5.1.3	Configuração funcional	24
5.2	Abrigo para vítimas de violência doméstica em Israel.....	26
5.2.1	Conceituação.....	26
5.2.2	Contextualização	27
5.2.3	Configuração funcional	29
5.2.4	Configuração formal	30
5.3	Praça das artes	32
5.3.1	Conceituação.....	33
5.3.2	Contextualização	33
5.3.3	Configuração funcional	35
5.3.4	Configuração formal	37
5.3.5	Configuração técnica	38
5.4	Soluções projetuais.....	38
6	CONTEXTUALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO	39
6.1	O terreno.....	40
7	ESTUDO PRELIMINAR.....	44

7.1	Programa de necessidades e pré-dimensionamento	44
7.2	Partido arquitetônico.....	46
7.3	Setorização.....	47
7.4	Sistema construtivo e materiais.....	48
8	CONCLUSÃO.....	49
	REFERÊNCIAS.....	50

INTRODUÇÃO

O papel social da mulher era restrito a cumprir obrigações de mãe e esposa. Ao longo do tempo, houve avanços sociais sobre a igualdade de gênero, constando até na Constituição Brasileira de 1988: “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição”, mas ainda há condutas intensamente enraizadas na sociedade que são dificilmente superadas.

É por esse motivo que dados do Relatório Anual Socioeconômico da Mulher (Raseam) mostram que as mulheres são a maioria no ensino superior no Brasil, representando 55,8% das matrículas e 61,1% dos diplomas, ou seja, além de serem a maioria nas universidades, ainda apresentam uma maior taxa de permanência e conclusão. Embora mais qualificadas, elas continuam a receber salários menores. A Síntese de Indicadores Sociais do IBGE de 2013 mostra que, em 2012, as mulheres ganhavam, em média, o correspondente a 73% do salário dos homens desempenhando o mesmo cargo, um aumento nada animador se lembrarmos que, em 2002, esse número era de 70%. Compreendemos que esses dados são indicativos de uma sociedade que trata homens e mulheres a partir de uma lógica na qual a diferença se converte em relações de domínio e subordinação.

De acordo com Butler (2017), além do agente dominante, o dominado contribui para a perpetuação das relações de hierarquia e desigualdade, ou seja, mulheres contribuem para relações de submissão a qual vivem. Sendo assim, o rompimento dessas relações é cada vez mais difícil, uma vez que é preciso desconstruir a resistência de ambos os lados.

Essa subordinação sugere que o sujeito tenha apego à sua posição de inferioridade, em que se tenta transferir a responsabilidade da subordinação ao subordinado. Butler derruba essa fala, “em oposição a essa ideia, eu diria que o apego à sujeição é gerado pelo poder, e parte dessa operação do poder se esclarece nesse efeito psíquico, uma de suas produções mais insidiosas.” (2017, p. 15).

Segundo Arendt (2009), ao ser gerado o poder aos homens, o mesmo condiciona-o a manutenção e afirmação, transformando poder em relações de violência e abuso.

A violência doméstica, de acordo com o Ministério da Saúde, se caracteriza como um abuso físico ou psicológico, por meio de ações ou omissões, promovidas por um membro do núcleo familiar. A violência gera consequências no

desenvolvimento psicossocial da mulher, comprometendo o pleno exercício de sua cidadania e relações sociais. Uma pesquisa do Instituto Avon (2013) revelou os principais motivos pelos quais as mulheres não abandonam seus agressores: 25% das mulheres responderam que a dependência financeira é o principal motivo; em segundo lugar vem a preocupação com a criação dos filhos; e em terceiro, o medo de serem mortas por seus companheiros.

No Brasil vem se desenvolvendo proposições de políticas para o combate da violência contra as mulheres, dentre elas os Centros de Referência e Acolhimento, que se destacam pela propriedade a elas conferida, de favorecer a ruptura com a situação de violência e risco, criando condições para as que usuárias retomem suas vidas autônoma e emocionalmente. Por essa razão, esse equipamento social foi tomado como tema para o presente trabalho.

1 DO PODER À VIOLÊNCIA

Para complementar a ideia de submissão da mulher, pode-se compreender que os estímulos inseridos no desenvolvimento de crianças colaboram para demarcar essa relação. Enquanto meninos são estimulados a atividades mais esportivas incentivando a virilidade, meninas são estimuladas a brincadeiras mais domésticas, como brincar de boneca, atividades delicadas ditas femininas. Bourdieu explica:

Como se a feminilidade se medisse pela arte de “se fazer pequena”, mantendo as mulheres encerradas em uma espécie de cerco invisível (do qual o véu não é mais que a manifestação visível), limitando o território deixado aos movimentos e aos deslocamentos de seu corpo – enquanto os homens ocupam maior lugar com seu corpo, sobretudo em lugares públicos. (BOURDIEU, 2018, p.47).

Esses estímulos de incentivo à virilidade dos homens condiciona a sociedade a diferenciar as obrigações femininas das masculinas, tornando assim comportamentos em leis sociais. Ou seja, o sistema gera poder aos homens, mas o condiciona a manutenção e afirmação, transformando o poder em instrumento de dominação (ARENDR, 2009).

De fato, a combinação da subordinação da mulher, a concretização do poder em dominação e a afirmação da virilidade do homem faz surgir o abuso e a violência (PATEMAN, 1993).

“A violência nada mais é do que a mais flagrante manifestação de poder”, podendo afirmar que o poder é capaz de existir sem a violência, mas a violência não existe sem o poder (ARENDR, 2009, p. 22).

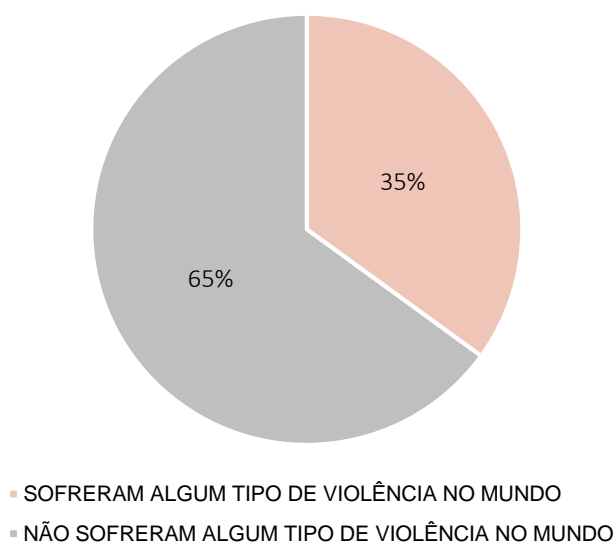
De acordo com Segato (2003), as três principais motivações masculinas para cometer atos de violência contra a mulher são: vingança contra a mulher que saiu de sua posição de subordinada, como afronta a outro homem ou como demonstração de virilidade a outros homens, ou seja, afirmando sua posição de dominação.

Pode-se afirmar então que qualquer resistência feminina à dominação masculina gera violência.

1.1 Dados da violência contra a mulher

A violência contra a mulher, constitui um grave problema de saúde pública e uma violação dos direitos humanos. Dados ofertados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) indicam que uma a cada três mulheres (35%) no mundo já sofreram violência física ou sexual (Gráfico 1), sendo o agressor o seu parceiro ou não.

Gráfico 1 – Percentual de mulheres que sofreram algum tipo de violência no mundo

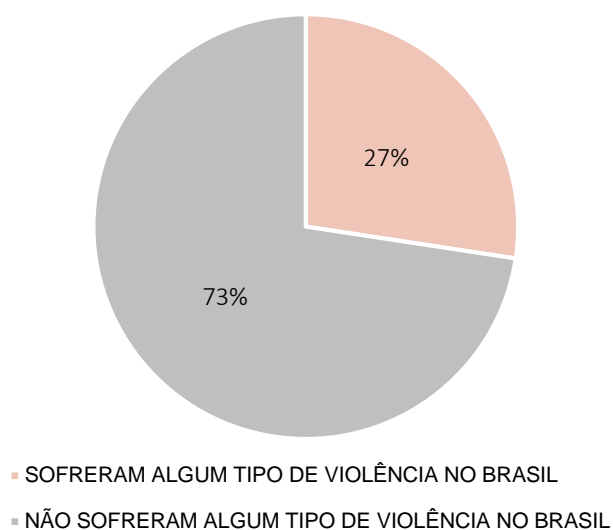


Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública (Editado pela autora (2019))

Em todo o mundo, 30% das mulheres que tiveram um relacionamento, sofreram alguma forma de violência física e/ou sexual de seu parceiro em algum momento de sua vida. Ainda segundo a OMS, 38% dos assassinatos contra mulheres são cometidos por seu parceiro ou ex-parceiro íntimo.

O Brasil, com sua taxa de 4,8 homicídios por 100 mil mulheres, ocupa a pouco recomendável 5ª (quinta) posição em um grupo de 83 países, perdendo somente para El Salvador, Colômbia, Guatemala e Federação Russa. Segundo o Mapa da Violência de 2015, 27% das mulheres com 16 anos ou mais sofreram algum tipo de violência no último ano (Gráfico 2).

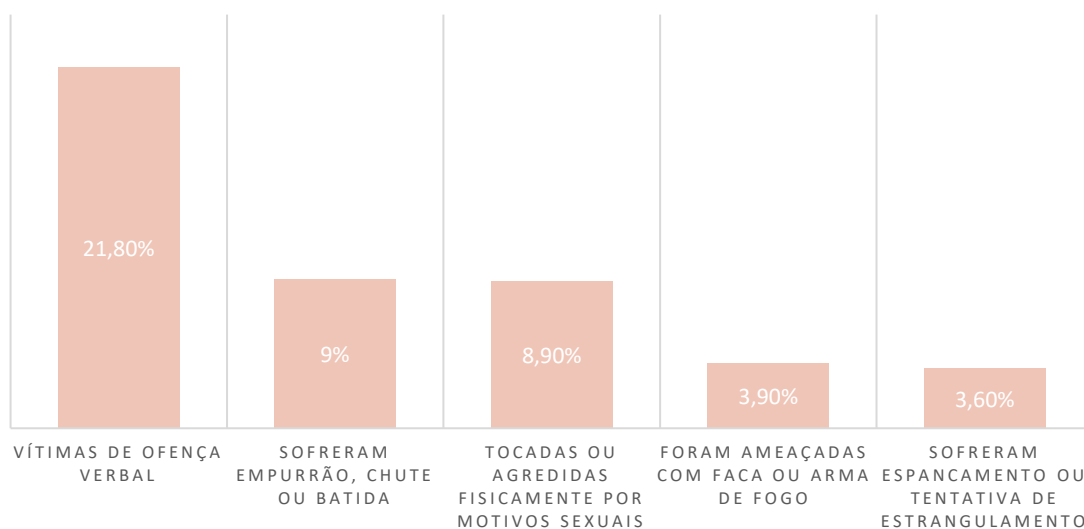
Gráfico 2 – Percentual de mulheres que sofreram algum tipo de violência no Brasil



Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública (Editado pela autora (2019))

Segundo o infográfico disponibilizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), pode-se compreender que uma grande parcela das mulheres sofreu algum tipo de violência no último ano no Brasil, como mostra o Gráfico 3.

Gráfico 3 – Percentual por tipo de violência no Brasil

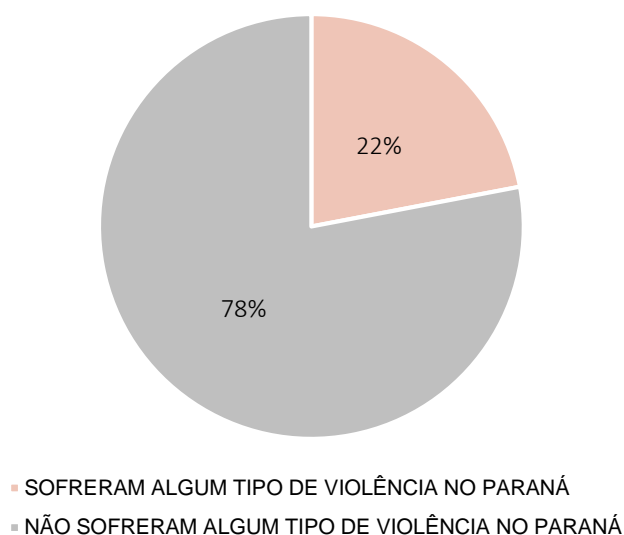


Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública (Editado pela autora (2019))

Ainda de acordo com o FBSP, 42% das mulheres sofreram violência em sua própria casa, 29% ocorreram na rua, 8% na internet, 8% no trabalho e 3% em bares ou balada. Ou seja, a mulher não se sente segura na sua propriedade privada e nem no seu contexto urbano.

No Paraná, conforme dados do Mapa da Violência de 2015 (FBSP, 2015), 22% das mulheres já sofreram algum tipo de violência (Gráfico 4), número este muito próximo das taxas do país em geral.

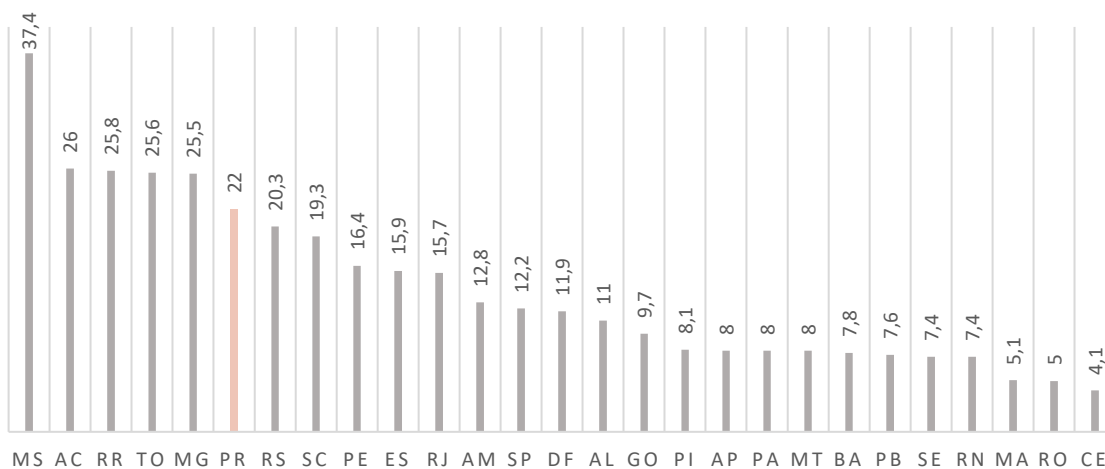
Gráfico 4 – Percentual de mulheres que sofreram algum tipo de violência no Paraná



Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública (Editado pela autora (2019))

Conforme dados ainda do Mapa de Violência, na pesquisa com os 26 estados mais o Distrito Federal, o Paraná ocupa a 6ª (sexta) posição em números de atendimentos femininos por violência (Gráfico 5).

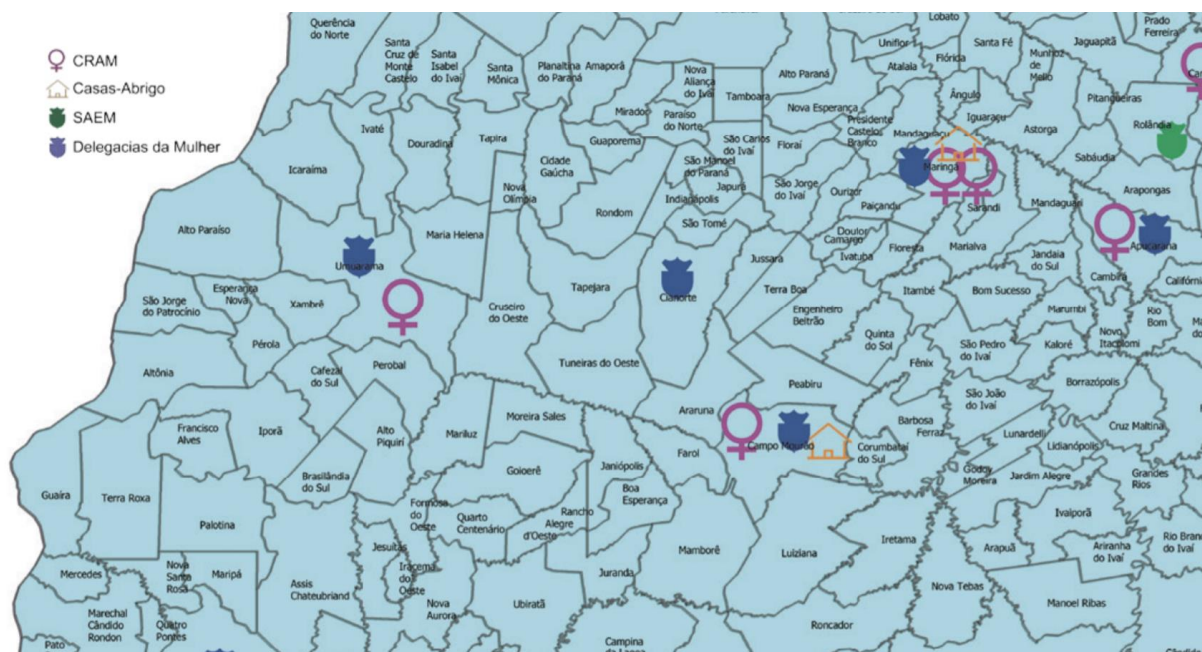
Gráfico 5 – Ordenamento das UFs segundo taxas de atendimento feminino (por 10 mil). Brasil. 2014



Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública (Editado pela autora (2019))

O Plano Estadual dos Direitos da Mulher do Estado do Paraná (2018) demonstrou em um levantamento, os órgãos, instituições e serviços voltados à prevenção da violência e garantia de direitos da mulher (Mapa 1). A distribuição da rede de atendimento está por todo o estado, no entanto, ainda há uma baixa cobertura em alguns pontos do mapa e uma alta concentração em cidades de grande porte.

Mapa 1 – Rede de Atendimento e Suporte à Mulher Vítima de Violência – Paraná – 2017



Fonte: Plano Estadual dos Direitos da Mulher do Estado do Paraná (Editado pela autora (2019))

Na região noroeste do estado onde fica situado o município de Umuarama-PR, podemos contar com uma Delegacia da Mulher e um Centro de Referência de Atendimento às Mulheres. Em análise ao Mapa 1, pode-se inferir que Umuarama-PR é um ponto central para o atendimento da região.

O Centro de Referência de Atendimento à Mulher em Umuarama-PR, segundo sua coordenação, tem uma média de atendimento de duas mulheres no local diariamente, seja por encaminhamento judicial ou por demanda espontânea. O CRAM atende vítimas com idade acima de 18 anos. Ao todo, são 139 mulheres em acompanhamento pela equipe, sendo que 85 delas são idosas que sofrem, em grande parte, por abandono ou exploração financeira.

2 JUSTIFICATIVA

A existência de redes de enfrentamento da violência contra a mulher varia bastante nas diversas regiões do mundo. Elas são bastante influenciadas pela disponibilidade e nível de financiamento que recebem seja do governo, seja de doações privadas. (UN WOMEN, 2016). Em geral, locais que acolhem mulheres vítimas de violência tem objetivo de proteção, segurança, empoderamento, mudança social e proporcionar serviços de acomodação seguras e serviços para mulheres e meninas que escapam de violências físicas, emocional, sexual e econômica.

2.1 Espaços para mulheres

Equipamentos urbanos públicos voltados às mulheres, como a Casa da Mulher Brasileira (figura 1), criada pela Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres, a Delegacia da Mulher, as ONGs, assistências sociais, abrigos e Centros de Atendimento às Mulheres, entende-se que necessários para a prevenção e enfrentamento à violência contra a mulher.

Figura 1 – Casa da Mulher Brasileira



Fonte: Secretaria de Políticas para Mulheres, 2015.

A Secretaria Nacional de Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres (2011) define os Centros de Referência e Acolhimento às Mulheres como locais de abrigo seguro para mulheres em situação de risco eminente. O objetivo dos

centros é garantir a integridade física e psicológica da mulher e de seus filhos, favorecendo sua condição de cidadã, resgatando e fortalecendo sua autoestima, promovendo a inserção profissional com atividades de capacitação, possibilitando que se tornem protagonistas de seus direitos.

A escolha deste equipamento como tema para o trabalho de conclusão em Arquitetura e Urbanismo se justifica pela amplitude e atualidade do tema e pelos poucos exemplares de projetos desenvolvidos ou edifícios construídos para esse fim.

Destaca-se ainda a pouca existência de locais desse tipo na região noroeste do Paraná, contando apenas com o Centro de Referência (CRAM) e uma Delegacia da Mulher localizada em Umuarama.

2.2 Espaços urbanos para mulheres

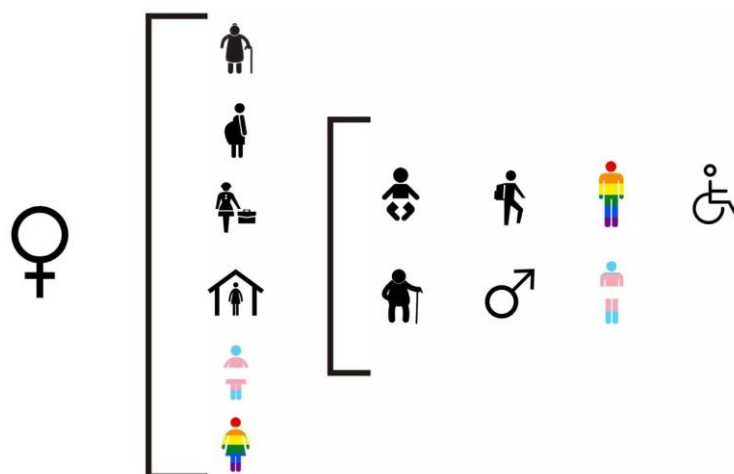
O espaço urbano reflete os distintos estilos de arranjo e expressão de uma sociedade. As mulheres enfrentam, além de barreira comuns aos transeuntes, inseguranças específicas como assédios, intimidações, olhares, toques indesejados, ameaças e violência. Com isso, faz-se necessário intervenções urbanas para ambientes sem qualquer tipo de distinção (DELAQUA, 2019).

Perrot (2008) demonstra que a vivência das mulheres com a cidade era praticamente nula, mas após a Revolução Industrial, o cenário começa a se modificar. É com a guerra que a mulher sai dessa situação de enclausuramento e dá início a uma fase mais ativa na cidade, começando assim a utilizar o espaço urbano.

A mulher no espaço público tem medo da sensação de vulnerabilidade física em relação ao homem e medo principalmente da violência sexista. Para efetivar o direito da mulher à cidade, é indispensável levar em consideração as necessidades e as dificuldades para a elaboração de políticas urbanas (VALENTINE, 1989).

Se a cidade contempla um planejamento voltado para questões de gênero, fundamentado a atender os anseios e necessidades desta parcela da sociedade, de modo imediato outras parcelas da população segregada serão atendidas também. Portanto, se uma cidade se mostra segura e aberta à participação do público feminino, há também uma tendência de que ela seja segura e agradável para todas as outras parcelas da população como ilustra a Figura 2 (FERREIRA, 2017, p.7).

Figura 2 – Infográfico demonstrando a abrangência do planejamento de gênero



Fonte: Escola da cidade, 2017.

3 OBJETIVO GERAL

Objetiva-se desenvolver um anteprojeto arquitetônico de um Centro de Referência e acolhimento às mulheres vítimas de violência na cidade de Umuarama-PR, buscando romper a situação de violência de gênero, por meio de uma arquitetura humanitária que contribua espacialmente com o tratamento psicológico e físico para a reinserção social das mulheres.

3.1 Objetivos específicos

- Estudar fatores socioculturais relacionados à mulher;
- Compreender a relação da mulher com a cidade;
- Pesquisar as políticas públicas e as ações do governo que tratam esta questão;
- Entrar em contato com centros de tema semelhante, em busca de compreender as problemáticas destes;
- Pesquisar e analisar projetos arquitetônicos de referência para o tema proposto;
- Elaborar pelo meio das análises o plano de necessidades e o pré-dimensionamento da edificação;
- Pesquisar e analisar alternativas para o pertencimento da mulher no espaço público;
- Desenvolver espaço de proteção às mulheres que buscam auxílio e apoio;
- Favorecer visual e integração com o entorno;
- Propor espaço multiuso tanto para uso interno, a fim de oferecer oficinas, palestras e grupos de apoio para as vítimas, como para o público em geral, por meio de exposições e palestras para debater acerca do tema;

4 METODOLOGIA

O trabalho consiste na metodologia bibliográfica e estudo de caso, cuja técnica predominante é a qualitativa. Tal processo se dará por meio de informações e levantamentos de dados disponíveis em publicações, livros, teses, artigos de origem nacional ou internacional, podendo ser encontradas na internet ou não, utilizadas para um melhor embasamento teórico.

As respectivas técnicas metodológicas, utilizadas para abranger o conhecimento e domínio sobre o tema, auxiliarão no desenvolvimento deste trabalho e posteriormente no projeto.

5 ESTUDOS DE CASO

Neste item serão analisadas as obras das quais servirão de referência para a elaboração deste presente trabalho. Essa análise é de grande importância para o entendimento do programa de necessidades, para as alternativas projetuais e de humanização dos espaços e para o entendimento do funcionamento dos centros especializados para apoio e tratamento de mulheres em situação de violência.

5.1 Casa da Mulher Brasileira

A Casa da Mulher Brasileira (Figura 3) é um dos eixos do Programa Nacional Mulher, Viver sem Violência, coordenado pela Secretaria de Políticas para as Mulheres, o qual facilita o acesso aos serviços especializados para garantir condições de enfrentamento da violência, bem como o empoderamento feminino e sua autonomia econômica.

Figura 3 – Fachada da Casa da Mulher Brasileira de Brasília



Fonte: Secretaria de Políticas para Mulheres, 2015

Ficha técnica¹

Arquitetos: Marcelo Pontes, Raul Holfiger, Marcela Laval

Localização: Brasil (Projeto base que se adapta ao terreno)

Ano do projeto: 2015

Área construída: 3.671 m²

¹ Todas as informações da ficha técnica foram tiradas da Secretaria de Políticas para Mulheres.

Sistema construtivo: Alvenaria convencional

A obra foi escolhida com a finalidade de análise da edificação já existente no país, para destacar os pontos positivos e negativos do projeto e também para traçar um comparativo com as outras obras escolhidas.

6.1.1 Conceituação

O projeto foi elaborado para o apoio e a melhoria da qualidade de vida das mulheres vítimas de violência doméstica. No entanto, apesar dessa diretriz, o edifício não possui características que utilizam as soluções arquitetônicas de conforto e de humanização.

6.1.2 Contextualização

O projeto da instituição é o mesmo para todas as suas unidades, tendo alterações para se moldar ao terreno que estará localizado. A falta de utilização da arquitetura regional é um dos pontos negativos para a obra, deixando de transmitir por meio do edifício a cultura de cada estado refletindo assim na forma de utilização do espaço pelos usuários, conforme a Figura 4.

Figura 4 – Fachada da Casa da Mulher Brasileira de Brasília



Fonte: Secretaria de Políticas para Mulheres, 2015

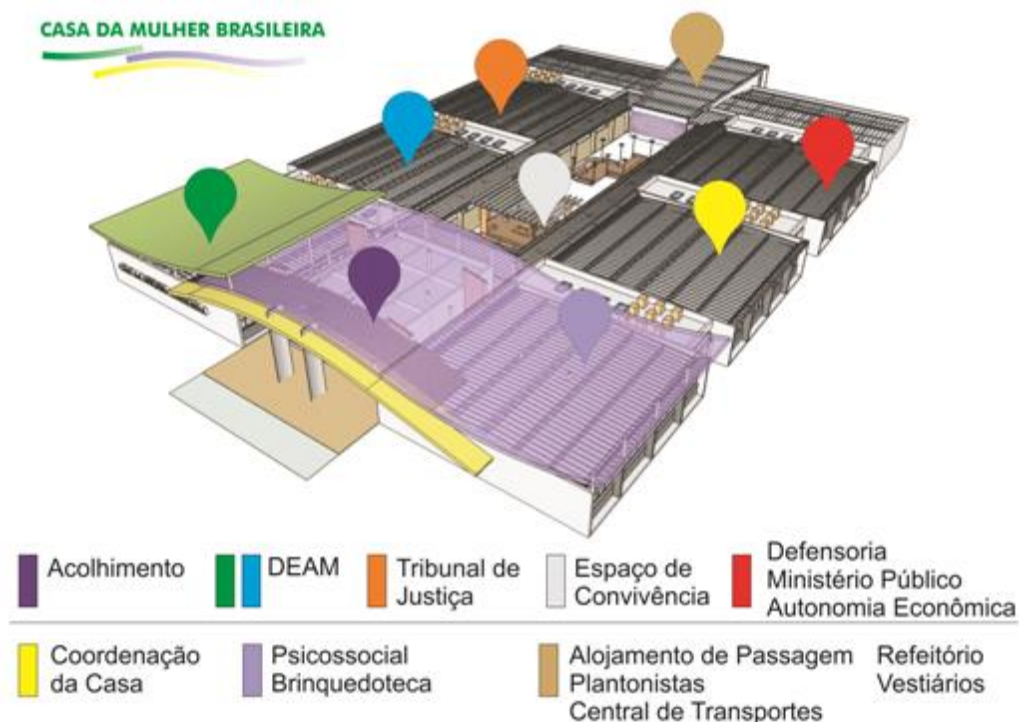
O projeto base dos edifícios apresenta como uma de suas características uma cobertura levemente ondulada com as cores verde, amarela – simbolizando as cores

da bandeira do Brasil – e roxa, que segundo a Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres (SPM), se associa à ideia de proteção e acolhimento das mulheres. Há também um pátio interno que liga todos os setores de atendimento.

6.1.3 Configuração funcional

A proposta é uma inovação no atendimento humanizado às mulheres, a qual integra os serviços especializados, como acolhimento e triagem, delegacia da mulher, Tribunal de Justiça, espaço de convivência, defensoria pública, atendimento psicossocial, brinquedoteca, alojamento, vestiários e refeitório. O ambiente foi setorizado de acordo com a figura 5.

Figura 5 – Setorização Casa da Mulher Brasileira



Fonte: Cartilha de diretrizes gerais Casa da Mulher Brasileira, 2015

Ao entrar no equipamento, o visitante encontra-se em um amplo hall de entrada, no qual se situa a triagem das pessoas que terão acesso interno à edificação. Além dos locais de atendimento, o projeto possui um local de eventos para a conscientização da violência de gênero.

Percebe-se por meio da Figura 6 que a disposição dos ambientes e o acesso aos mesmos se dão por um pátio interno, onde cria-se uma relação de cheios e vazios

no espaço construído. No pátio interno, criara-se espaço de contemplação e lazer, tentando enfim proporcionar a sensação de acolhimento na edificação.

Figura 6 – Planta baixa de edificação



LEGENDA

Sistema Construtivo

— Alvenaria Estrutural

— Parede Drywall

Características do Espaço

Pontos Positivos

— Áreas descobertas/jardim

— Sala Multiuso ampla

Circulações

— Saídas de emergência

— Acesso Principal

— Acesso para Detenção

Pontos negativos

— Ambientes sem janelas

— Jardim com poucos atrativos

— Circulações complicadas

Programa

— Psicossocial e Brinquedoteca

— Coordenação da Casa

— Defensoria, Ministério Público e Autonomia Econômica

— Alojamento de Passagem, Emprego e Renda e Central de Transportes

— Tribunal de Justiça

— DEAM

— Brinquedoteca pouco integrada com o resto do edifício

Fonte: Secretaria de Políticas para Mulheres, 2015.

Conclui-se que a instalação de uma unidade da Casa da Mulher Brasileira é de grande importância para o combate e assistência das mulheres que estão em situação de violência, porém, há as deficiências arquitetônicas da mesma, a qual se deu pela padronização do projeto, deixando de levar em conta a sua localização e seu entorno.

5.2 Abrigo para vítimas de violência doméstica em Israel

A escolha de tal obra se deu devido à linguagem visual da mesma (figura 7), pois apresenta fácil leitura dos ambientes e fachada. A transmissão do seu conceito e ideias para cada ambiente é clara e fácil de ser compreendida.

Figura 7 – Imagem pátio interno do edifício



Fonte: Amit Geron, 2018.

Ficha técnica

Arquitetos: Amos Goldreich Architecture, Jacobs Yaniv Architects

Ano do projeto: 2015

Construção: 2018

Localização: Tel Aviv-Yafo, Israel

Sistema construtivo: Alvenaria Estrutural

Área construída: 1600 m²

Área do terreno: 800 m²

5.2.1 Conceituação

Goldreich foi influenciado pelo trabalho do artista Eduardo Chillida, conhecido por suas esculturas, que exploram a relação entre sólidos e vazios. Em particular, o design do edifício faz referência à ideia de Chillida de escavar uma montanha. (Alyn Griffiths, 2018).

Goldreich (2018) diz que o edifício foi pensado como uma pedra escavada por dentro, ou seja, contendo duas superfícies, a externa, sendo rústica, e a interna lisa e clara. “Esta analogia tornou-se o conceito principal do nosso edifício, que tem duas fachadas – a externa, segura e protetora, e a fachada interna, voltada para o jardim central, o ‘coração’ terapêutico do abrigo” (GOLDREICH, 2018). Abaixo, a fachada externa da edificação (Figura 8).

Figura 8 – Fachada externa da edificação



Fonte: Amit Geron, 2018.

5.2.2 Contextualização

A casa abrigo está localizada em um bairro residencial e é cercada por uma mistura de casas particulares, blocos de apartamentos, pequenos comércios e equipamentos urbanos (parques, clínicas, escolas, entre outros). (Figura 9).

Figura 9 - Entorno imediato da edificação



Fonte: Amit Geron, 2018.

Segundo Goldreich (2018), o terreno doado pela prefeitura foi um desafio para o escritório, pois a vizinhança não aceitou muito bem a implantação de um abrigo no bairro. Foi então que o escritório criou um processo colaborativo com a vizinhança e os usuários.

Essa colaboração conduziu o escritório a criar um edifício contrastante, a fachada externa com uma fachada mais hermética (Figura 10), contendo apenas as aberturas necessárias para ventilação e iluminação, e seu interior com uma estética leve com fechamentos em vidro e suas circulações todas voltadas para o pátio interno (GOLDREICH, 2018).

Figura 10 – Vista para o pátio interno da edificação



Fonte: Amit Geron, 2018.

Em análise a composição formal do edifício, compreende-se com espaços cheios e vazios, onde a edificação circunda um pátio interno, que cumpre o papel de ponto de encontro dos moradores e também proporciona conexões visuais entre todos.

Figura 11 - Vista superior da edificação



Fonte: Amit Geron, 2018.

Percebe-se também na Figura 11 que a edificação ocupa a maior parte do terreno, contendo assim uma taxa de ocupação alta.

5.2.3 Configuração funcional

O fator principal do projeto é o pátio interno, cumprindo o papel de proporcionar encontros e conexões visuais entre todos. Com um corredor interno semiaberto, conectando todos os ambientes, enfatiza essa relação com os usuários, de acordo com a Figura 12.

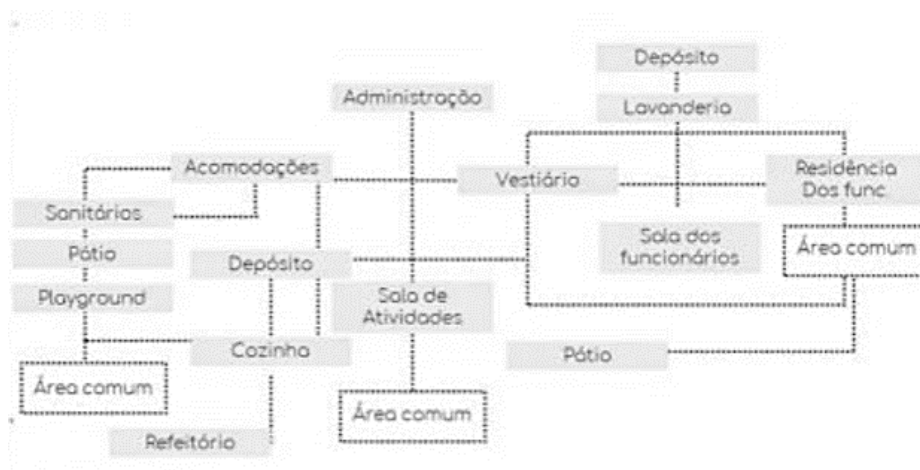
Figura 12 – Planta baixa térrea e superior da casa abrigo



Fonte: Amos Goldreich Architecture alterado pela Aline Schaidhauer 2017.

Ao analisar a planta setorizada (Figura 12) juntamente com o fluxograma disponibilizado na figura 13, podemos encontrar soluções projetuais feitas pelos arquitetos.

Figura 13 – Fluxograma



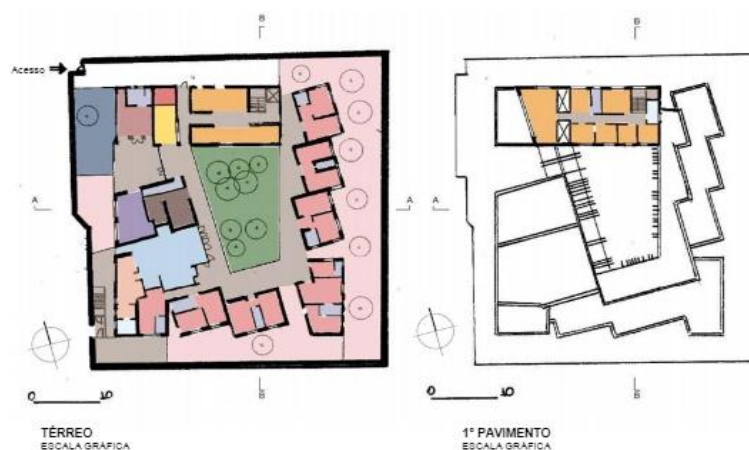
Fonte: Paloma Lima, 2018.

As soluções projetuais utilizadas no equipamento tem como exemplo a separação da área de convívio das mulheres com a área administrativa, espaços de lazer de qualidade e a questão das fachadas externas serem tratadas de forma diferente das fachadas internas. De acordo com Goldreich (2018), o abrigo foi projetado para conseguir atender todas as necessidades das abrigadas.

5.2.4 Configuração formal

Com a planta baixa (Figura 14), podemos notar que a área administrativa mantém pouca integração com as áreas de convívio das abrigadas. Percebe-se também que os locais de alojamento são praticamente casas individuais, compartilhando somente o banheiro a cada duas casas. O equipamento conta com brinquedoteca, salas multiuso, sala para aconselhamento com advogado, lavanderia, cozinha, refeitório, sala coletiva.

Figura 14 – Planta baixa térrea e superior da casa abrigo



Fonte: Amos Goldreich Architecture alterado por Paloma Lima, 2018.

Relacionando a Tabela 1 com a Figura 15, podemos perceber as maiores áreas de ambientes do abrigo.

Tabela 1 – Metragem quadrada dos ambientes

Ambiente	Área m ²	%
Circulação	380	23,8%
Administração	230	14,4%
Recepção	24	1,5%
Guarda	15	0,9%
Berçário	65	4,1%
Pátio	250	15,6%
Acomodação	380	23,8%
Sanitários	75,5	4,7%
Cozinha	30	1,9%
Refeitório	95	5,9%
Enfermaria	25	1,6%
Lavanderia	20	1,3%
Área técnica / depósito	10,5	0,7%
Total:	1600	100%

Áreas descobertas	
Ambiente	Área m ²
Área comum	490
Playground	80
Total:	80

Fonte: Paloma Lima, 2018.

De acordo com as imagens, observa-se que os ambientes de maiores áreas são o de circulação com 380 m², o administrativo com 230 m², este está localizado tanto no primeiro pavimento quanto no segundo (Figura 14), disposto em um local mais reservado.

Figura 15 – Cortes



Fonte: Amos Goldreich Architecture alterado por Paloma Lima, 2018.

Neste projeto são enfatizadas as relações sociais entre as abrigadas, por meio de unidades habitacionais individuais que se conectam em um pátio, criando um espaço de ponto de encontro. A construção, apesar do muro ao seu redor, não transmite a sensação de confinamento. Ela mantém a vinculação fluída em todo o edifício.

5.3 Praça das artes

A escolha de tal obra se deu devido à linguagem visual da mesma (figura 16), pois possui fácil leitura dos ambientes e fachada. A transmissão do seu conceito e ideias para cada ambiente é clara e fácil de ser compreendida.

Figura 16 – Imagem pátio do interno do edifício



Fonte: Nelson Kon, 2012.

Ficha técnica:

Arquitetos: Francisco Fanucci, Marcelo Ferraz e Luciana Dornellas / Brasil
Arquitetura Marcos Cartum / Secretaria Municipal de Cultura

Ano do projeto: 2006

Construção: 2012

Localização: Rua Conselheiro Crispiniano, Rua Formosa, Avenida São João, São Paulo – SP

Sistema construtivo: concreto

Área construída: 28.500 m²

5.3.1 Conceituação

O projeto surgiu do reconhecimento de uma necessidade real da cidade. A praça das artes é um complexo cultural e está localizado no centro de São Paulo, promovendo eventos e interações culturais com grupos artísticos que utilizavam de locais precários.

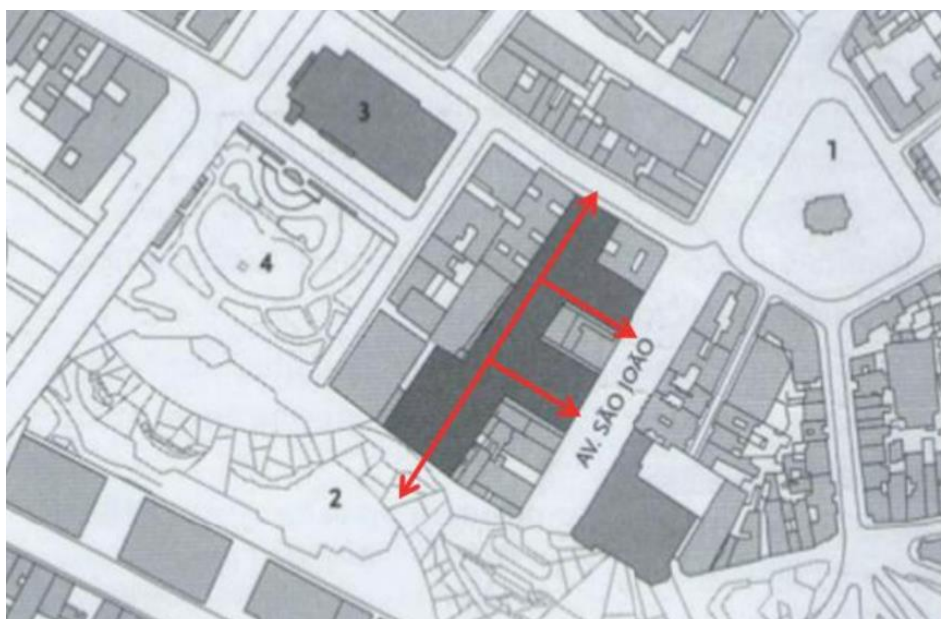
5.3.2 Contextualização

O espaço é formado por lotes que se interligam no centro da quadra, de frente para três ruas. O lugar abrange marcas e memórias de diferentes épocas, retratadas nas arquiteturas dos edifícios que o cercam.

Assim como a região central da cidade, tal lugar tem uma vizinhança predial caótica do ponto de vista volumétrico, das normas de insolação e ventilação saudáveis. Mesmo assim, possui uma relação privilegiada de humanidade ao seu redor, pleno de diversidade, vitalidade, mistura de classes sociais, de usos, de conflitos e tensões característicos da grande cidade.

É pelo centro do terreno que ele se desenvolve em três direções, Vale do Anhangabaú, Avenida São João, Rua conselheiro Crispiniano – ocupando assim os espaços e criando vazios, conforme a Figura 17.

Figura 17 – Implantação



1. Lago do Paissandú | 2. Vale do Anhagabaú | 3. Teatro Municipal | 4. Praça Ramos de Azevedo

Há diversas edificações heterogêneas e de gabarito baixo em seu entorno, sendo subutilizados ou mesmo com baixo aproveitamento construtivo, de acordo com a Figura 18.

Figura 18 – Entorno

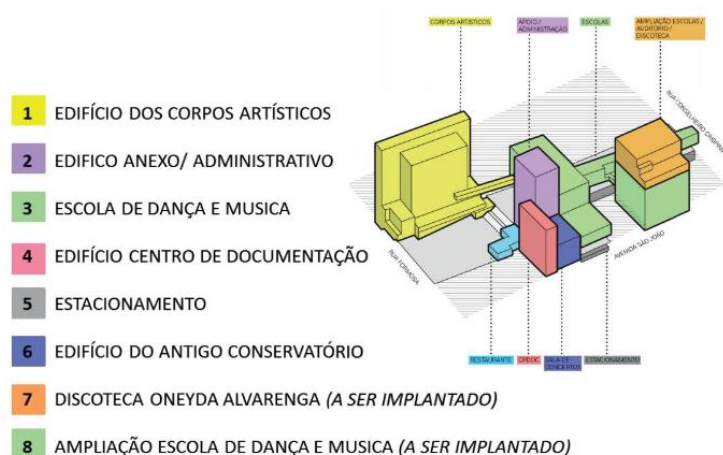


Fonte: Nelson Kon, 2012.

5.3.3 Configuração funcional

O edifício conta com um setor de corpos artísticos, um edifício anexo para o administrativo, com uma escola de dança e música, setor de documentação, estacionamento, o edifício do antigo conservatório e área a serem ampliadas. (Figura 19)

Figura 19 – setorização



Fonte: Íris de Oliveira, 2017.

O grande acerto no projeto é a conexão das ruas ao centro do projeto e ao nível do pedestre, proporcionando assim permeabilidade urbana no interior da quadra, conforme figura 20.

Figura 20 – Planta Térreo



Fonte: Íris de Oliveira, 2017.

A planta é marcada por três setores (figura 20), o público, o de transposição e o privado. Em todas as plantas é possível de se analisar essa setorização, como mostrado também na figura 21 e 22.

Figura 21 – Planta baixa 1º pavimento



Fonte: Íris de Oliveira, 2017.

Os autores do projeto o definem como um espaço para requalificar o centro de São Paulo, criando novos espaços de convivência.

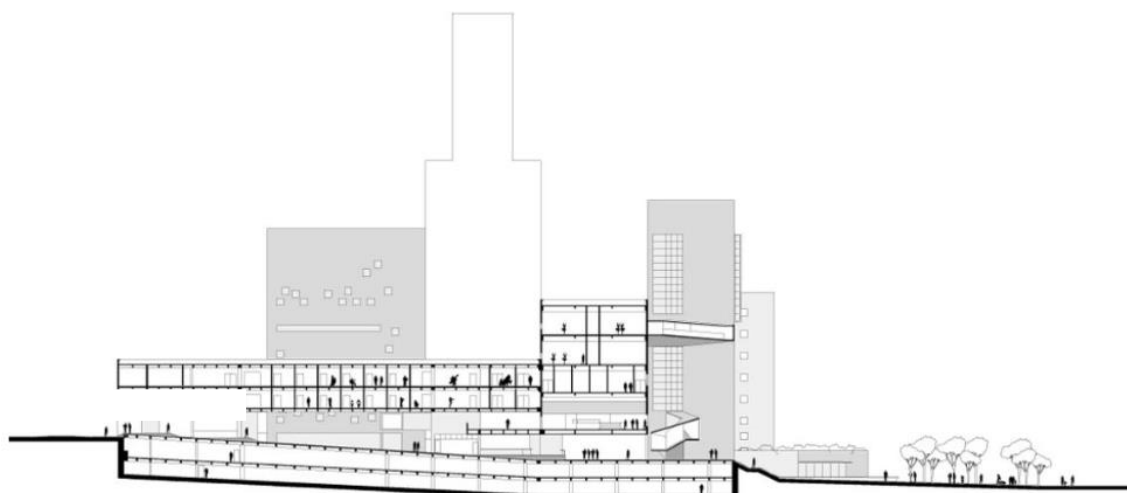
Figura 22 – Planta 2º Pavimento



Fonte: Íris de Oliveira, 2017.

5.3.4 Configuração formal

Figura 23 – Corte

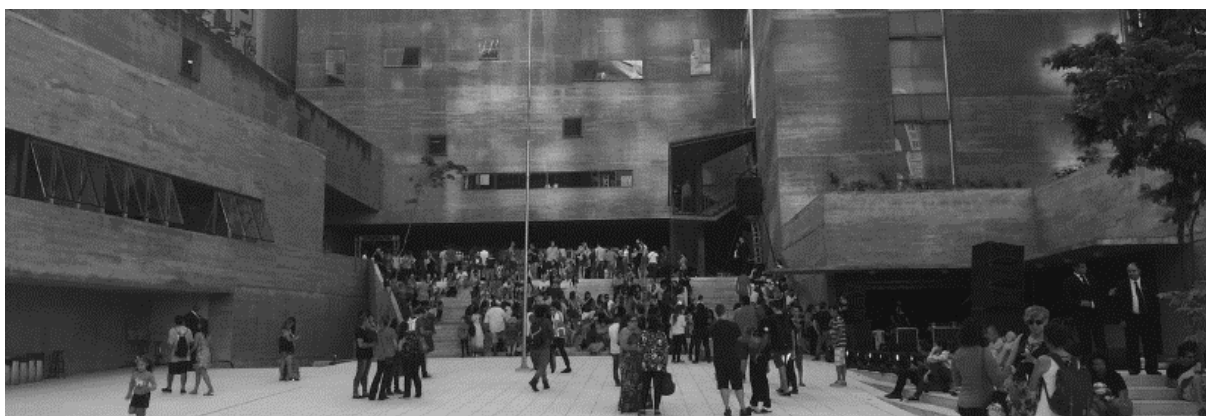


Fonte: Brasil Arquitetura, 2012.

Percebe-se pelo corte (figura 23) que o edifício possui um pé direito livre, liberando assim o pavimento térreo aos pedestres, que podem cruzar o quarteirão de lado a lado e em três direções. Com isso, o projeto propõe um reordenamento urbanístico para o centro de São Paulo.

O impacto dos blocos no seu entorno existente foi de fato harmonioso. O gabarito da edificação respeita as antigas edificações e cria uma visão muito privilegiada do Vale do Anhangabaú. Além de se relacionar e respeitar o que já existe, a praça das artes revitaliza a área e cria a integração do espaço urbano com o seu interior (Figura 24).

Figura 24 – Praça das Artes



Fonte: Arcoweb, 2019

5.3.5 Configuração técnica

O desafio da edificação era vencer grandes vãos com poucos pilares. A solução construtiva adotada foi concreto armado, paredes estruturais moldadas *in loco*, reforços de estaca raiz da edificação tombada.

Todo o seu revestimento foi feito em concreto aparente (Figura 25), com algumas partes coloridas em tons de ocre e magenta criando um diálogo com o entorno.

Figura 25 – Praça das artes



Fonte: Galeria da arquitetura, 2012.

5.4 Soluções projetuais

As obras analisadas foram escolhidas com o propósito de complementar a partir de suas aplicações o projeto do Centro de Referência e Acolhimento às Mulheres Vítimas de Violência. Os programas se complementam trazendo assim o enriquecimento do trabalho.

Na obra do abrigo para vítimas de violência doméstica em Israel, além de criar uma relação com os usuários do bairro em que foi inserido, é criada uma arquitetura humanizada e simples, a qual se respeita seu entorno.

Já na Praça das Artes, a vertente que mais se relaciona com o trabalho é a relação do espaço livre com o espaço construído, onde se cria uma continuação da cidade no pavimento térreo.

6 CONTEXTUALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO

Umuarama é a uma cidade brasileira do estado do Paraná, localizada na região Sul do país. Sua população, conforme o IBGE (2010), soma 100.676 habitantes, com uma estimativa de 110.590 habitantes em 2018, sendo considerada a 18ª cidade mais populosa do estado. A extensão de delimitação do município é de 1.234,537 km² (IBGE, 2018).

A cidade de Umuarama-PR é um projeto urbano da Companhia de Terras Norte do Paraná, na constituição de sua rede de cidades, a companhia adotou diretrizes bem definidas:

Cidades destinadas a se tornarem núcleos de maior importância seriam demarcadas de cem em cem quilômetros, aproximadamente. Entre estas, distanciados de 10 a 15 quilômetros um do outro, seriam fundados os patrimônios, centros comerciais e abastecedores intermediários (CMNP, 1975, p. 76).

Neste sentido, foram idealizados quatro núcleos habitacionais, fundados sucessivamente, distanciados entre si de aproximadamente cem quilômetros e destinados às grandes cidades do Norte e do Oeste do Paraná: Londrina (1930/1934), Maringá (1947/1951), Cianorte (1953/1955) e Umuarama (1955/1960) (CMNP, 1975, p. 252).

Entre as quatro grandes cidades, contava-se uma série de assentamentos urbanos menores, formada pelas cidades de médio porte e pelos patrimônios que teriam uma distância ideal, de modo a facilitar a vida nas propriedades rurais das proximidades, permitindo que o morador da área rural pudesse, eventualmente, deslocar-se a pé até eles com uma caminhada de cinco a nove quilômetros, no máximo.

Com o intuito de se tornar um núcleo para a sua microrregião, o projeto não atenderá somente o município de Umuarama como também as cidades vizinhas.

Por isso, a localização do terreno deverá ser de fácil acesso para quem vem de fora.

Uma das diretrizes para a escolha do terreno é que é necessário estar perto dos serviços que prestarão assistência às mulheres, conforme a Figura 26.

Figura 26 – Distância CRAM e Delegacia da mulher



Os equipamentos que prestam assistência diretamente à mulher são a Delegacia da Mulher (localizada na Rua Japurá, próximo ao colégio Hilda Kamal) e o CRAM (localizado na Rua Pinguim). Ambos estão localizados próximos ao terminal rodoviário, contendo 1,2 km de distância entre eles como mostra o mapa.

6.1 O terreno

O terreno proposto é localizado onde está edificado o CRAM como mostra a Figura 27, por ser um terreno de propriedade da Prefeitura Municipal de Umuarama contendo grande potencial.

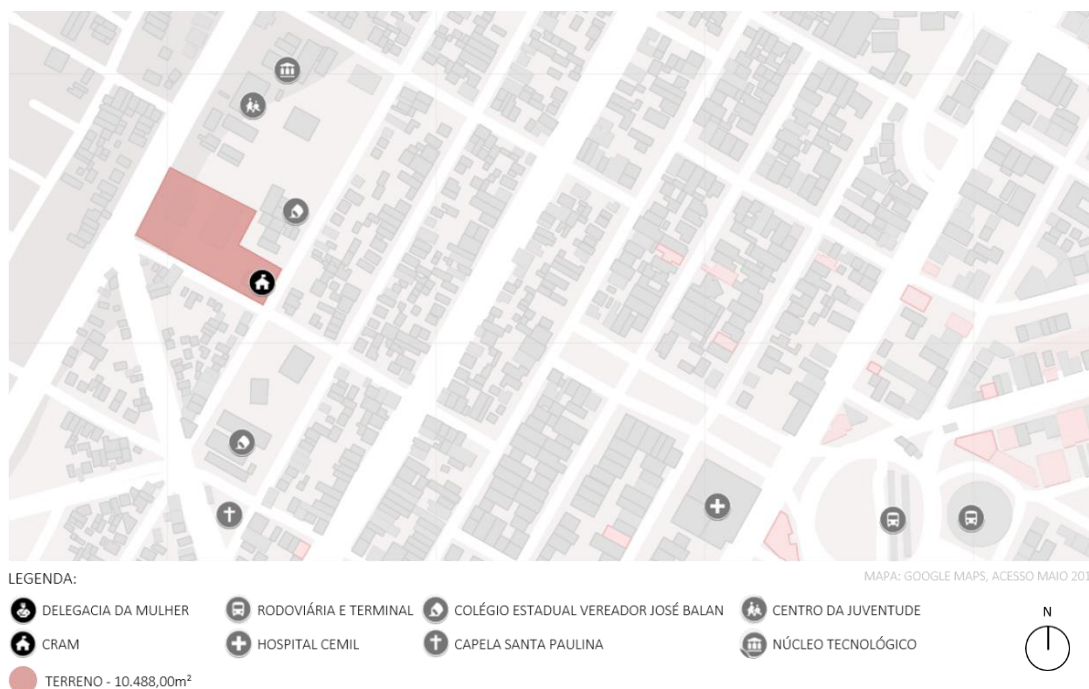
Figura 27 – Vista do terreno



Fonte: Google Maps (modificado pela autora (2019))

Em seu entorno listamos equipamentos, como escola de tempo integral, centro da juventude, hospital e clínicas, colégio estadual, terminal e rodoviária, que servirão de assistência às mulheres alojadas no projeto proposto (Figura 28).

Figura 28 – Serviços perto do terreno proposto



Fonte: Google Maps (modificado pela autora (2019))

No terreno além do CRAM há edificações voltadas à indústria (como barracões, Figura 29) mas que poderão ser demolidos e reconstruídos em outra região. A proposta da demolição se justifica pela localidade do terreno e por conter equipamentos que ofereçam um ajuste adequado ao projeto do Centro. Além de se tratar de um terreno de domínio público e com uma metragem quadrada adequada ao projeto, não sendo possível encontrar outros com essas qualidades.

Figura 29 – Vista do terreno



Fonte: Google Maps (modificado pela autora (2019))

As vias que cercam o terreno se constituem em uma coletora, sendo Avenida Goiânia, e duas locais, sendo Rua Pinguim e Rua Anhumai (Figura 30).

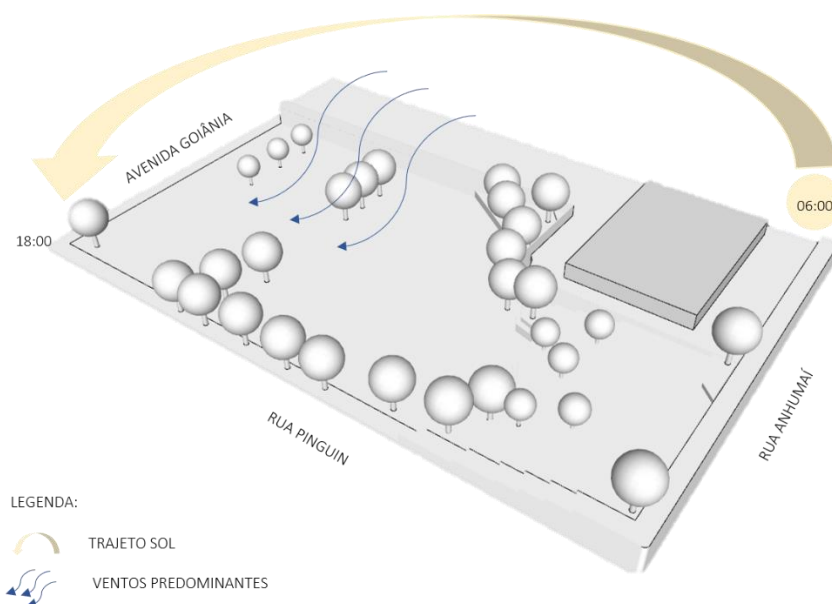
Figura 30 – Tipologia das vias



Fonte: Google Maps (modificado pela autora (2019))

Para a compreensão do terreno (figura 31), foi realizada uma análise das condicionantes, direção dos ventos predominantes, o trajeto do sol, das vias que circundam o terreno e os níveis topográficos.

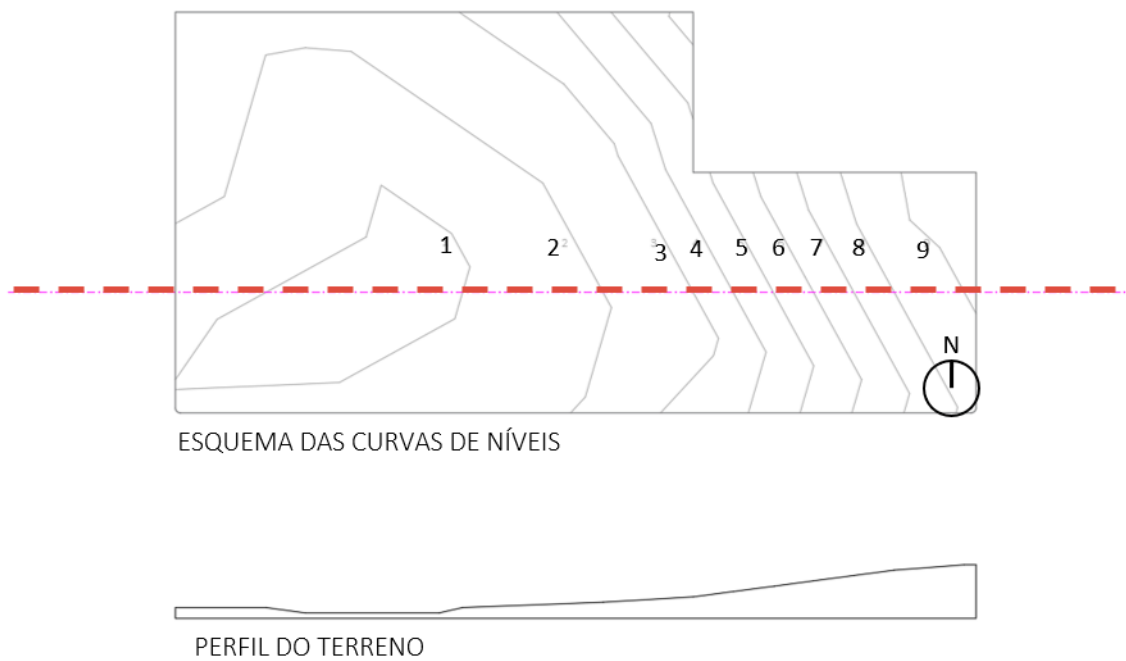
Figura 31 – Análise das condicionantes



Fonte: Autora, 2019.

O terreno escolhido conta com topografia acentuada contendo 9 curvas de níveis que se diluem em suas grandes dimensões, conforme a figura 32.

Figura 32 - Perfil do terreno



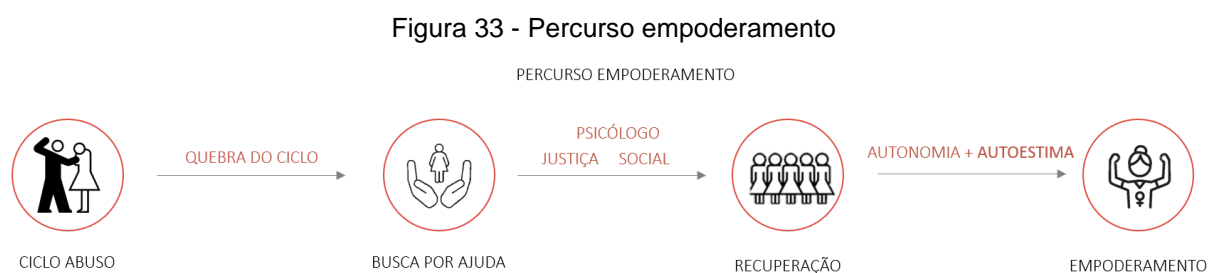
Fonte: Autora, 2019.

7 ESTUDO PRELIMINAR

Neste capítulo, abordar-se-á o processo de todas as etapas de projeto, estudos preliminares, até a concepção final do anteprojeto de arquitetura. O estudo preliminar é a primeira etapa de um projeto. Ele objetiva identificar a intenção inicial do projeto a ser desenvolvido. Verifica ainda a viabilidade de uma solução que dá diretrizes ou orientações ao anteprojeto chegando no resultado final (GALBINSK, 2008).

7.1 Programa de necessidades e pré-dimensionamento

O programa de necessidades foi desenvolvido a partir de um percurso desejado para que a mulher em situação de violência possa, ao buscar por ajuda, conseguir cessar essa condição por meio de seu empoderamento, conforme a figura 33.



Fonte: Autora, 2019.

O programa de necessidades e o pré-dimensionamento do Centro de Referência e Acolhimento às Mulheres Vítimas de Violência foi realizado com base nas análises dos estudos de casos e das demandas estimadas para a cidade de Umuarama – PR. Sendo assim, o programa foi distribuído em grupos de atividades distintas, conforme o quadro 01.

Quadro 1 – Programa de necessidades e Pré-dimensionamento

ASSISTÊNCIA					
SETOR	AMBIENTE	FUNCIONÁRIOS	USUÁRIOS	MOBILIÁRIO	ÁREA MÍNIMA*
RECEPÇÃO, ACOLHIMENTO E TRIAGEM	RECEPÇÃO E ESPERA	1	2	BANCADA PARA RECEPCIONISTA	6 m ²
	ACOLHIMENTO	2	20	20 CADEIRAS DE ESPERA	30 m ²
	TRIAGEM	2		ATENDIMENTO COM ESTAÇÃO DE TRABALHO	
APOIO PSICOSSOCIAL	ATENDIMENTO EM GRUPO	1	10	10 CADEIRAS	22 m ²
	TERAPIA OCUPACIONAL	1	10	10 CADEIRAS E MESAS DE TRABALHO	22 m ²
	ATENDIMENTO INDIVIDUAL	1	1	POLTRONAS, ESTAÇÃO DE TRABALHO E CADEIRAS	9 m ²
	ASSISTÊNCIA SOCIAL	2	-	2 ESTAÇÕES DE TRABALHO	12 m ²
	ATENDIMENTO PSICOLÓGICO	2	-	2 ESTAÇÕES DE TRABALHO	12 m ²
ENFERMARIA	ENFERMARIA + POSTO DE ENFERMAGEM	1	-	3 LEITOS 1 ESTAÇÃO DE TRABALHO 1 BALCÃO DE ATENDIMENTO	18 m ²
	SALA DE EXAMES E CURATIVOS	1	-	MESA PARA EXAMES BALCÃO COM PIA CARRO DE CURATIVOS SUPORTE SORO	8 m ²
BRINQUEDOTECA	BRINQUEDOTECA	1	10	BRINQUEDO INFANTIL MESAS DE ATIVIDADES ARMÁRIO	28 m ²
SANITÁRIOS	SANITÁRIOS	-	-	LAVATÓRIOS SANITÁRIOS	18 m ²
TOTAL		15	33		185m ² + 30% = 240,5m ²
EMPODERAMENTO					
SETOR	AMBIENTE	FUNCIONÁRIOS	USUÁRIOS	MOBILIÁRIO	ÁREA MÍNIMA*
SERVIÇOS PARA A AUTONOMIA ECONÔMICA	SALÃO DE BELEZA ESCOLA	2	-	CADEIRAS UNIVERSITÁRIAS	35 m ²
	SALA MULTIUSO	-	-	LIVRE	25 m ²
	ORIENTAÇÃO TRABALHO E RENDA	2	-	ESTAÇÕES DE TRABALHO CADEIRAS DE ESPERA MESA DE REUNIÕES	20 m ²
CULTURA	ATELIÊ	-	10	MESAS COM CADEIRAS	30 m ²
	INFORMÁTICA	-	10	11 ESTAÇÕES DE TRABALHO	25 m ²
	BIBLIOTECA	1	-	ESTANTES DE LIVROS E MESAS DE ESTUDO	50 m ²
SANITÁRIOS	SANITÁRIOS	-	-	LAVATÓRIOS SANITÁRIOS	18 m ²
TOTAL		5			203m ² + 30% = 263,9m ²
ADMINISTRATIVO					
SETOR	AMBIENTE	FUNCIONÁRIOS	USUÁRIOS	MOBILIÁRIO	ÁREA MÍNIMA*
ADMINISTRAÇÃO E SERVIÇOS	SALA DE REUNIÃO	-	-	MESA DE REUNIÃO E CADEIRAS	16 m ²
	COORDENAÇÃO	1	-	1 ESTAÇÃO DE TRABALHO	12m ²
	ALOJAMENTO PLANTONISTAS	-	-	3 CAMAS	15 m ²
	BANHEIROS VESTIÁRIOS	-	-	LAVATÓRIO SANITÁRIO CHUVEIRO	20 m ²
	COZINHA	1	-	FOGÃO GELADEIRA MESA E CADEIRAS	15 m ²
	DEPÓSITO	-	-	ARMÁRIO	8 m ²
	MONITORAMENTO	2	-	ESTAÇÕES DE TRABALHO	15 m ²
	DML	1	-	PIA	8 m ²
TOTAL		5			109m ² + 30% = 141,7m ²
ALOJAMENTO					
SETOR	AMBIENTE	FUNCIONÁRIOS	USUÁRIOS	MOBILIÁRIO	ÁREA MÍNIMA*
ALOJAMENTOS	ESTAR E TV	-	15	SOFA TV	30 m ²
	COZINHA	3	-	FOGÃO GELADEIRA MESA E CADEIRAS	10 m ²
	DORMITÓRIO COM SANITÁRIOS	-	15	CAMA ARMARIO MESA LAVATÓRIOS SANITÁRIOS	20 m ²
	SANITÁRIO	-	-	LAVATÓRIOS SANITÁRIOS	15 m ²
	REFEITÓRIO	-	-	MESAS CADEIRAS	30 m ²
TOTAL		3	-	-	105 m ² + 30% = 136,5M ²

TODOS OS SETORES				
ASSISTÊNCIA	ADMINISTRATIVO	EMPODERAMENTO	ALOJAMENTO	ÁREA TOTAL
185 m ²	109m ²	203 m ²	105 m ²	602m ²
ÁREA TOTAL COM 30% DE CIRCULAÇÃO				782,60 m ²

* VALORES BASEADOS NO PROJETO DA CASA DA MULHER BRASILEIRA.

Fonte: Autora, 2019.

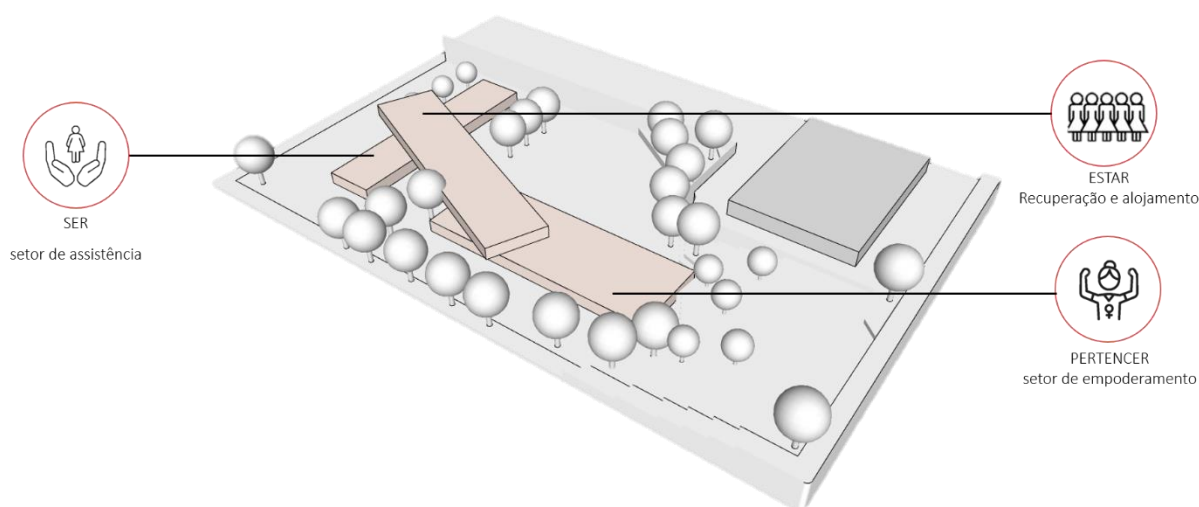
É pelo programa de necessidades e o pré-dimensionamento que foi possível identificar a quantidade de usuários que o centro terá capacidade de atender. A área de alojamento, por exemplo, terá capacidade de atender 16 pessoas.

7.2 Partido arquitetônico

O partido do Centro de Referência e Acolhimento às mulheres vítimas de violência é o tratamento da dor e vulnerabilidade das mulheres de acordo com cada etapa. Desde o primeiro momento em que ela se encontra mais fragilizada, ao último, em que ela se encontra empoderada e livre da situação atual.

Para uma melhor compreensão de cada etapa, o trabalho pretende demonstrar as percepções vividas no espaço na perspectiva da mulher, sendo segmentado em três níveis de entendimento (Figura 34): o ser, compreendendo assim a ideia de ser mulher na sociedade atualmente; o estar, tendo a percepção da mulher no espaço em que ela está inserida; e o pertencer onde compreende-se a ideia de pertencimento ao espaço.

Figura 34 - Os três níveis de entendimento



Fonte: Autora, 2019.

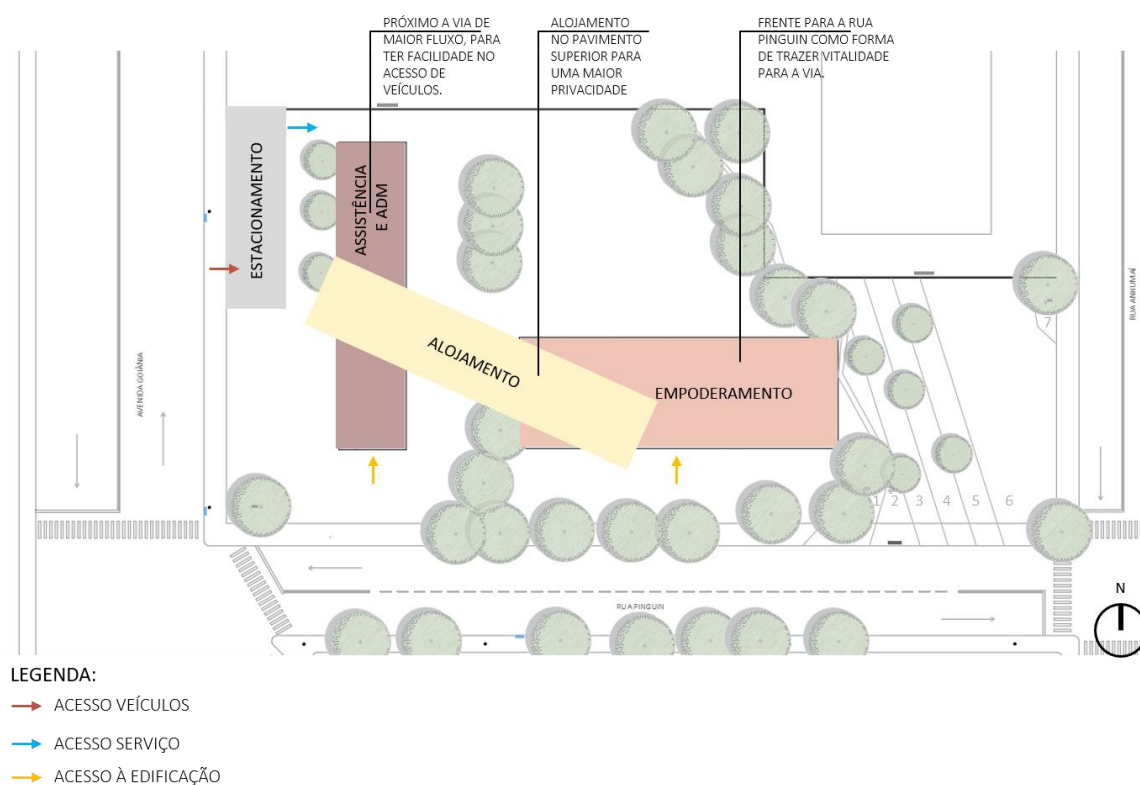
O projeto em seu papel de uma estrutura arquitetônica de acolhimento busca desenvolver sua função de tratar da dor a partir de soluções que possibilitam privacidade, cuidado aconchego nos momentos de maior fragilidade da usuária, espaços de convívio, conexão visual e cuidado pessoal nos momentos em que a vítima se sentir bem o suficiente para ter contato interpessoal com outras pessoas, além de um programa que dá suporte a empoderamento para que estas mulheres possam retomar suas vidas de modo independente.

Nesse sentido, o conceito embasa todas as soluções arquitetônicas tomadas na concepção desse projeto, desde a escolha do acesso, permeabilidade entre os ambientes, entre outros.

7.3 Setorização

A setorização é a técnica de organizar e distribuição ambientes, é uma excelente forma de controlar um sistema, pois permite trabalhar de maneira específica em cada setor. É criar diferentes segmentos, subdividir um todo em partes menores, segmentar (GALBINSK, 2008) (Figura 35).

Figura 35 – Setorização



Fonte: Autora, 2019.

Com um terreno de 10.488 m², a setorização contou com muitos espaços livres, como na Praça das Artes, onde os espaços livres criam uma continuação com o espaço urbano, uma praça permeia e circunda a edificação, onde instiga-se a sensação tanto da extensão do espaço urbano quanto a continuação da varanda das residências do entorno.

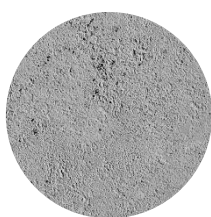
Além de contemplar uma praça em sua extensão, a edificação contava com um programa a ser resolvido. O setor de assistência e administração fica voltado para a via de maior fluxo, a Avenida Goiânia, facilitando assim a entrada tanto de serviço quando das mulheres em busca de apoio.

O setor de empoderamento volta-se para a Rua Pinguim, com a proposta de trazer mais vitalidade a essa rua. Já o alojamento interliga os dois blocos, localizado em um pavimento superior para trazer mais privacidade.

7.4 Sistema construtivo e materiais



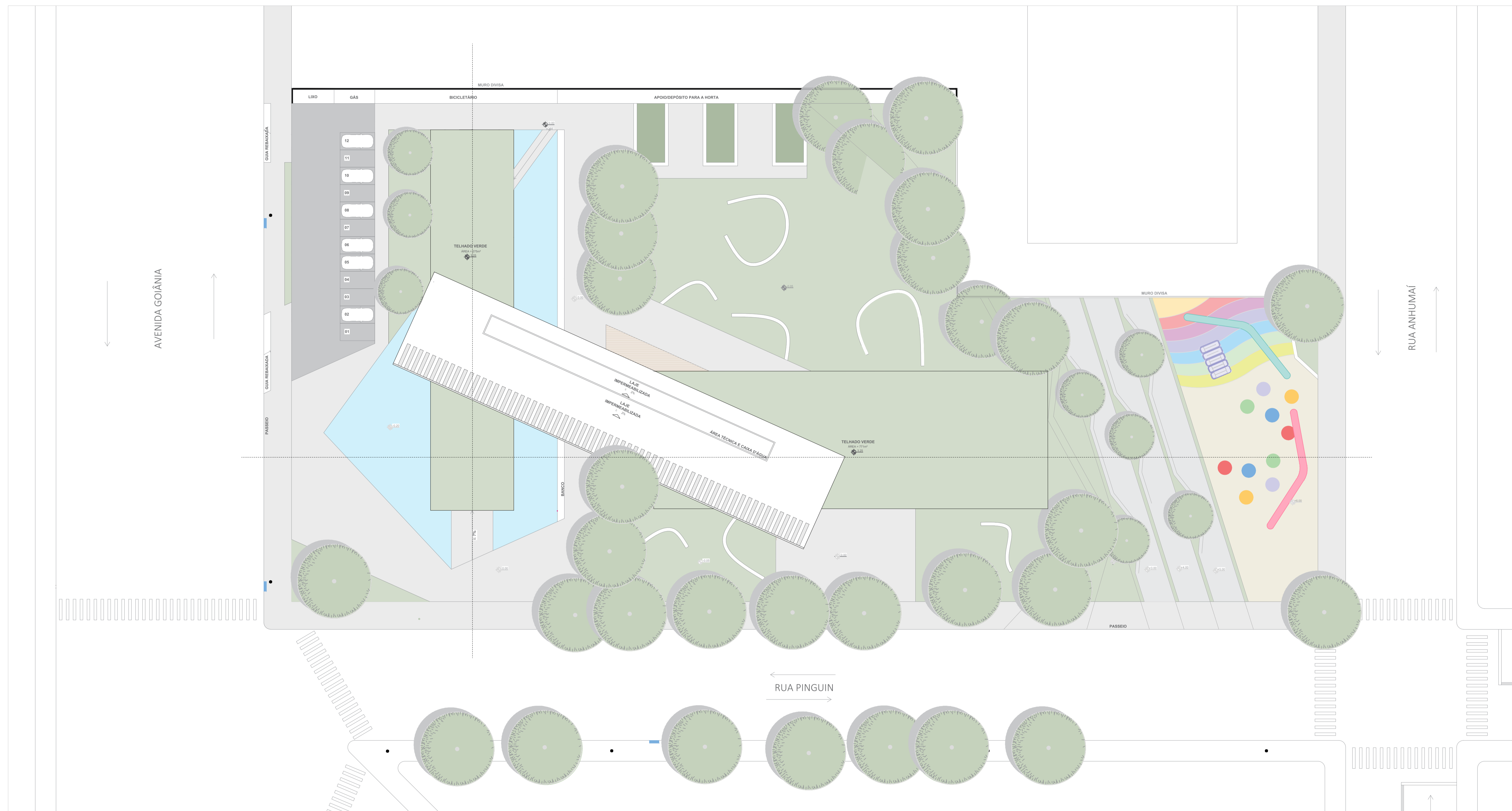
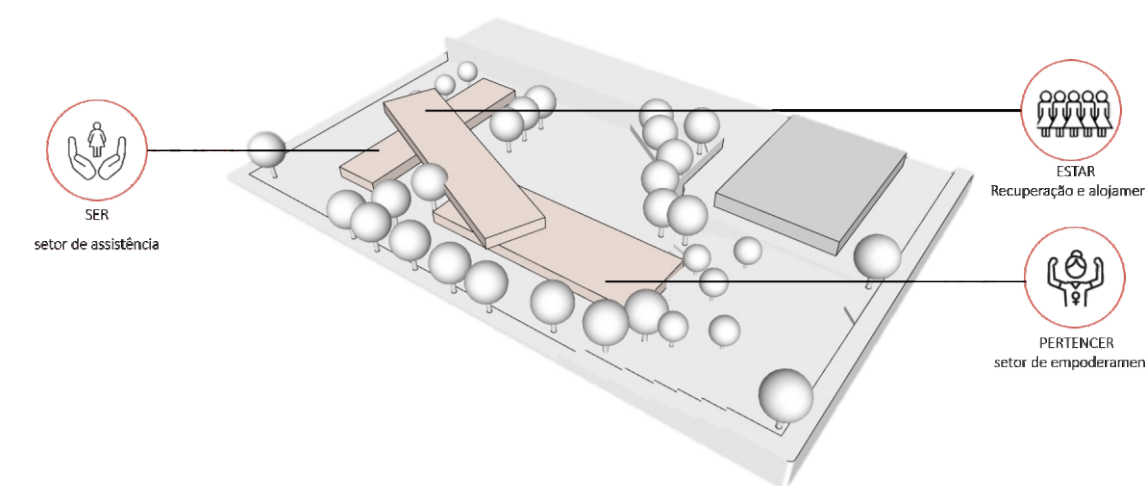
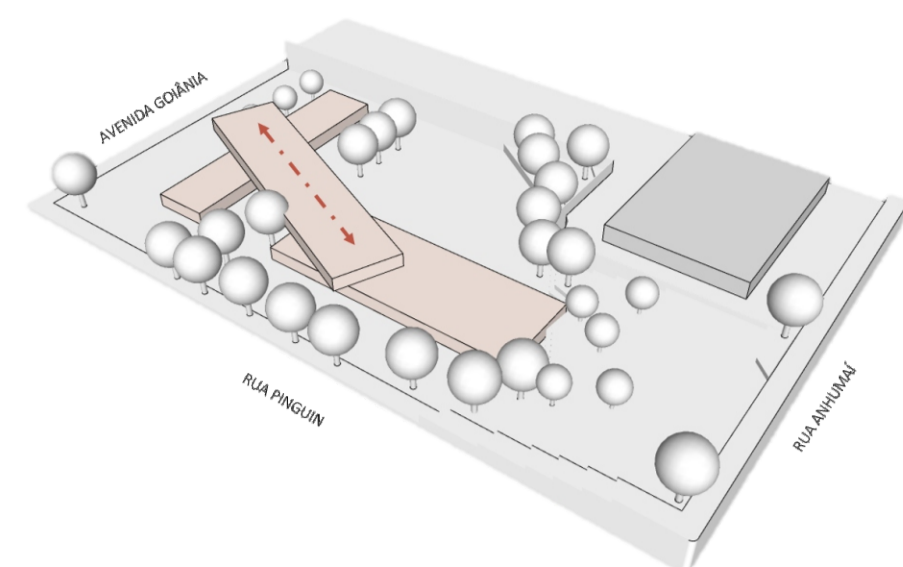
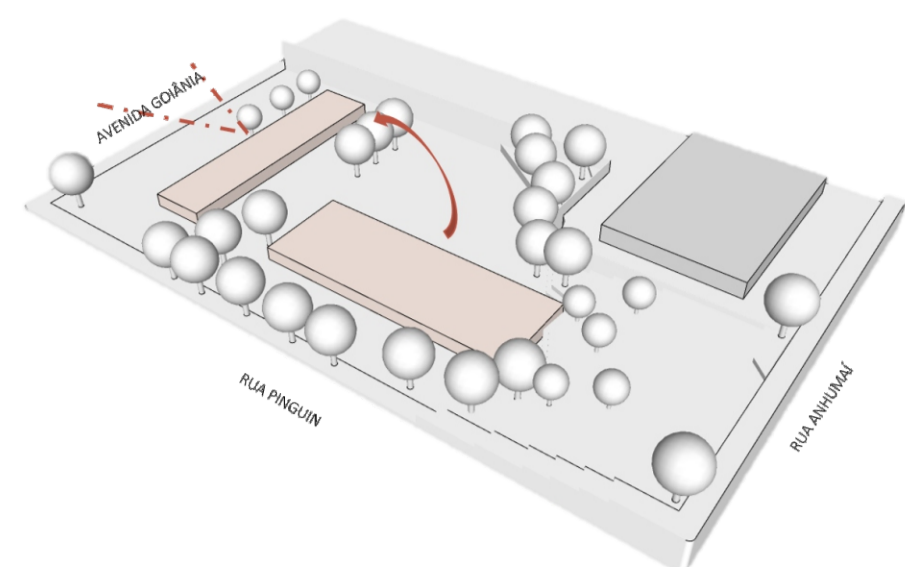
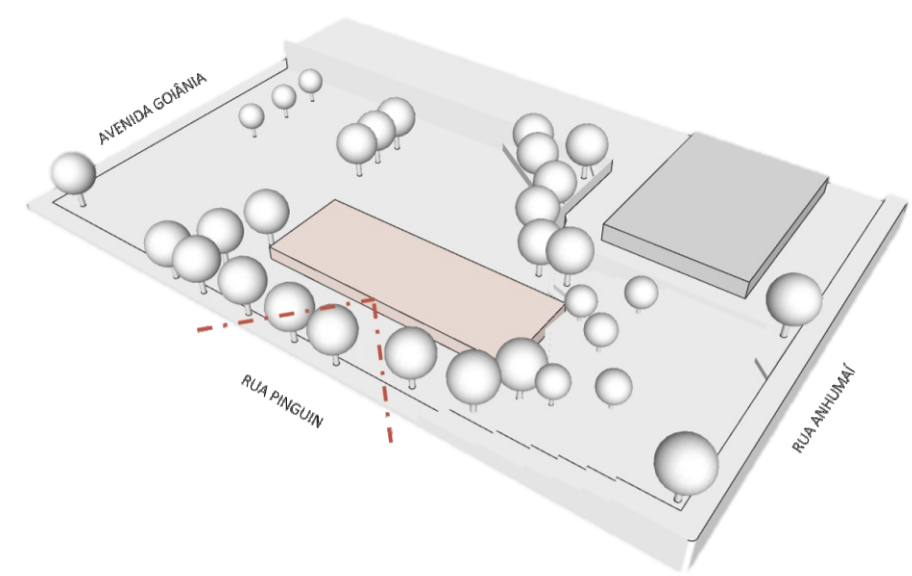
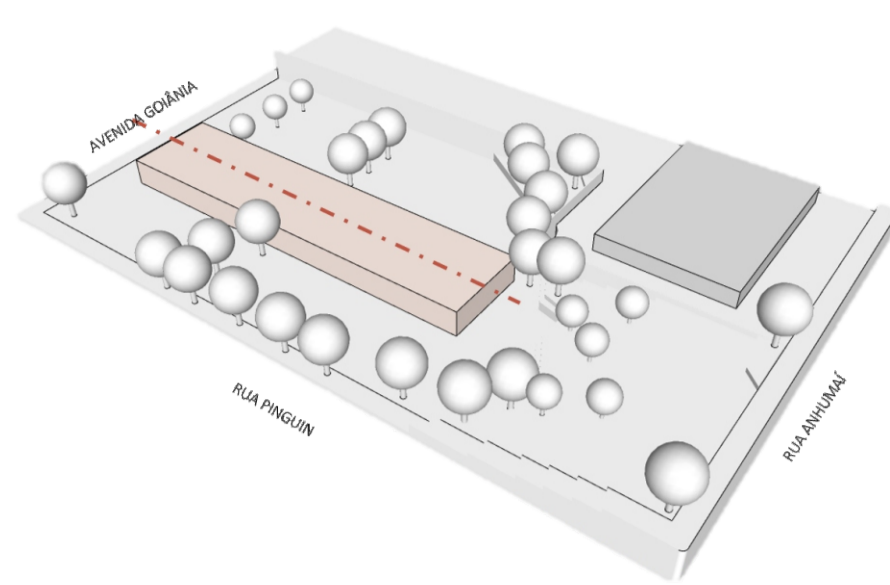
A opção pela Laje Protendida foi devido a sua maior resistência e menor uso de vigas e pilares, possibilitando o uso de grandes vãos, gerando maior aproveitamento do espaço em geral.



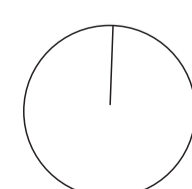
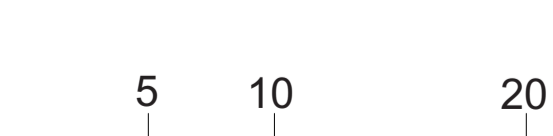
O concreto por possui versatilidade, atende a projetos de diferentes escalas e formas, do estrutural até acabamentos decorativos. Muito resistente tanto aos processos químicos como também aos físicos.



O vidro translúcido para criação de fachadas menos opacas, para propiciar o contato do interior com o exterior. Funciona como uma grande luminária, pois a iluminação interna vaza pela fachada.



IMPLANTAÇÃO
ESC: 1:300



AVENIDA GOIÂNIA

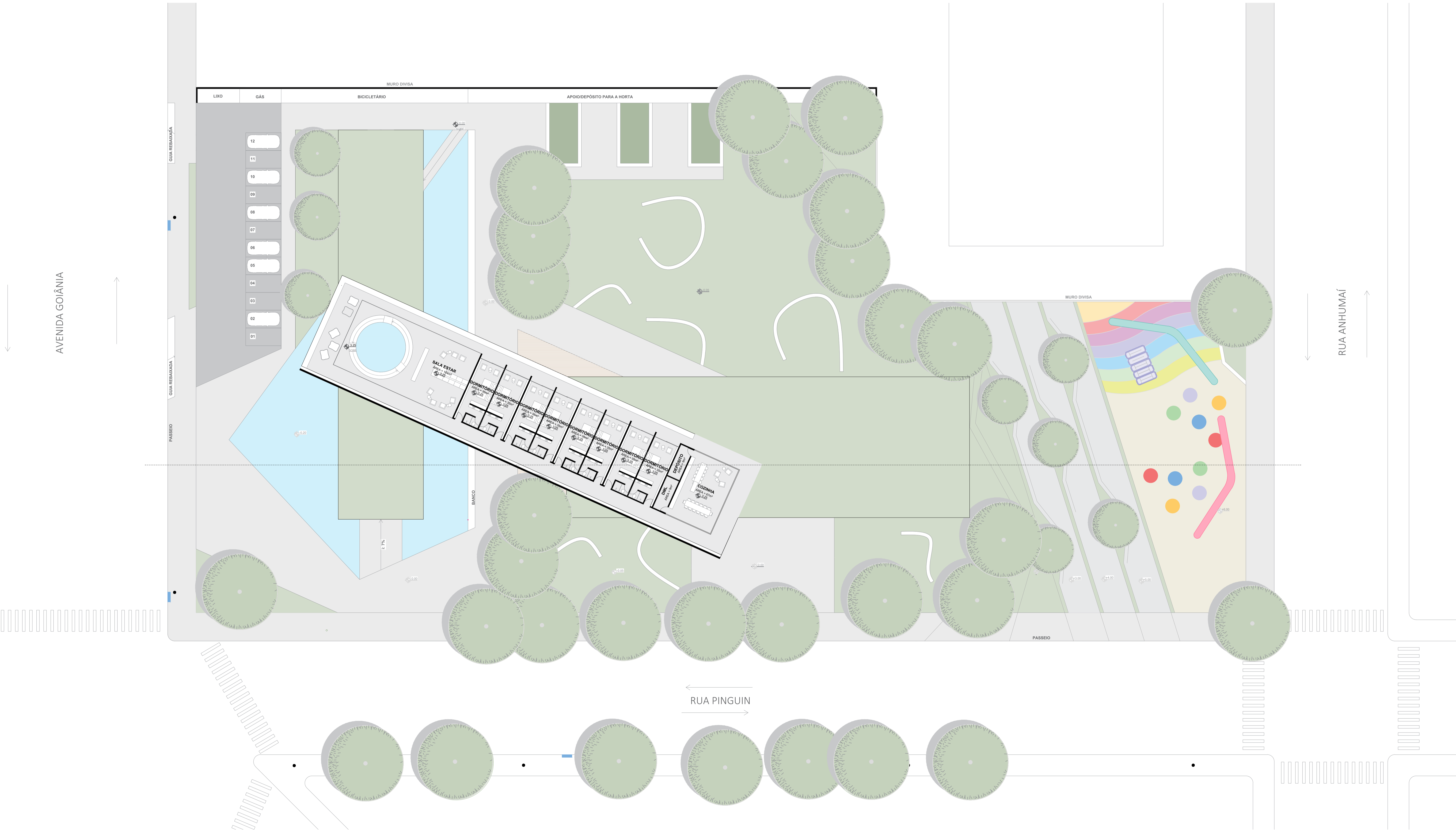
RUA ANHUMAÍ

RUA PINGUIM



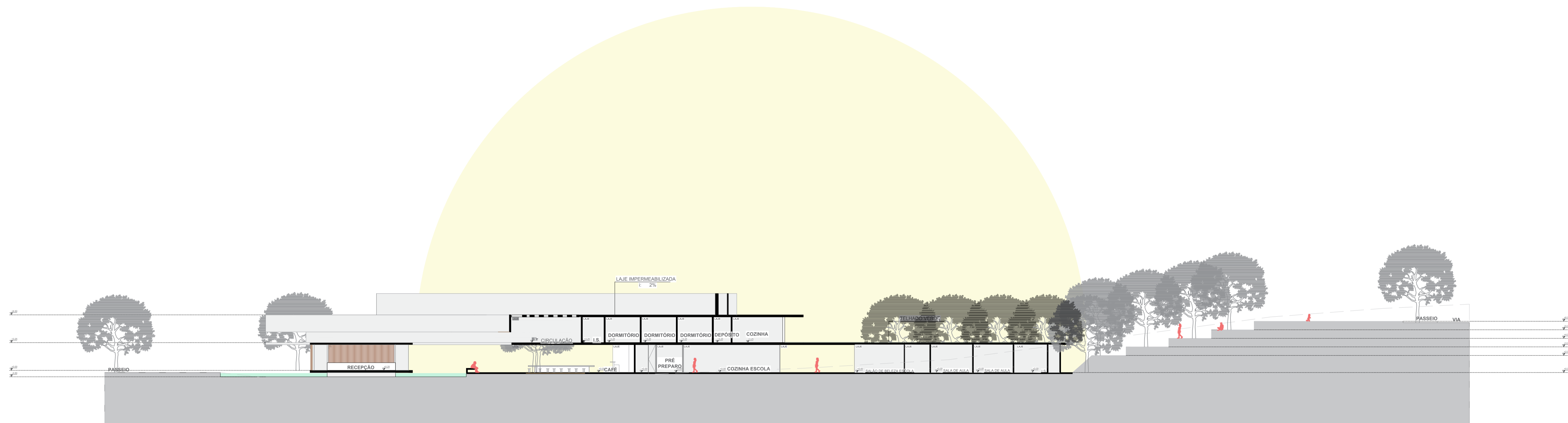
PLANTA BAIXA TÉRREO
ESC: 1:300



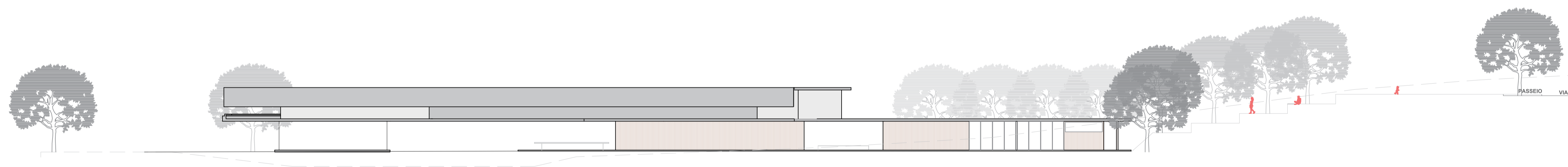


PLANTA BAIXA PAVIMENTO SUPERIOR
 ESC: 1:300





CORTE
ESC: 1:250



FACHADA FRONTAL
ESC: 1:250



8 CONCLUSÃO

A violência contra a mulher é uma das preocupações da sociedade brasileira notadamente pela recente mobilização de grupos de mulheres. Nesse sentido a arquitetura pode contribuir ao propor espaços acolhedores e seguros em Centros de Atendimento, Delegacias da Mulher e outros equipamentos públicos que oferecem qualquer tipo de atendimento para esse público.

O Centro de Referência e acolhimento às mulheres na cidade de Umuarama-PR, tendo em vista a demanda crescente e os pouquíssimos locais adaptados para prestar esse serviço. Por meio dos estudos realizados sobre a temática foi possível propor um edifício que atenda as questões técnicas sem deixar de lado o caráter subjetivo necessário para a sua compreensão.

Demonstra-se no presente trabalho a busca de subverter a ideia de que equipamentos institucionais de apoio à mulher vítima de violência doméstica precisam ser locais escondidos, discretos e infelizes, muitas vezes é semelhante a agressão que também é escondida a todo custo.

Em vista disso o projeto reúne diversas funções em um edifício de forma a integralizar o atendimento e dar visibilidade ao problema, demonstrando o potencial e capacidade desse equipamento e sua necessidade no cotidiano da população.

REFERÊNCIAS

- AMOS GODREICH ARCHITECTURE. **Abrigo para vítimas de violência doméstica**. Disponível em <<http://www.agarchitecture.net/shelter-for-victims-ofdomestic-violence/>>. Acesso em: 28 maio 2019.
- ARCHDAILY. **4 Conceitos emergentes que podem transformar cidades**. Brasil, 8 ago. 2019. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/922585/4-conceitos-emergentes-que-podem-transformar-cidades?ad_source=search&ad_medium=search_result_all. Acesso em: 10 ago. 2019.
- AYRES, Cleison Ribeiro. **Casa da Mulher Brasileira: uma política pública para mulheres em situação de violência**. 2017. 155 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2017.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**, v.I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- CASIQUE, L.; FERREIRA, A. R. Violência contra mulheres: reflexões teóricas. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 14, n. 6, 2006.
- CRUZ, Ane; SPM/PR – Secretaria de Políticas para as Mulheres / Presidência da República. **Pacto Nacional pelo Enfrentamento à Violência contra as Mulheres**. Brasília. 2011. Disponível em: <<http://www.spm.gov.br/sobre/publicacoes/publicacoes/2011/pacto-nacional>>. Acesso em: 20 março 2019.
- DINIZ, Simone G. **Vinte e cinco anos de respostas brasileiras em violência contra a mulher**. São Paulo: Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde, 2006. Disponível em <<http://livrozilla.com/doc/682689/25-anos-de-respostas-brasileirasem-viol%C3%A2ncia-contra-a-mu...>>. Acesso em: 02 abril 2019.
- D'OLIVEIRA, Ana Flávia PL et al. **Violência dói e não é direito: a violência contra a mulher, a saúde e os direitos humanos**. SciELO-Editora UNESP, 2005.
- FIGUEIREDO SANTOS, José Alcides. **Classe social e desigualdade de gênero no Brasil**. Dados-Revista de Ciências Sociais, v. 51, n. 2, 2008.
- FLACSO – Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais. **Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil**. Brasília – DF, 2015. Disponível em: <https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf>. Acesso em: 03 abril 2018.
- GEHL, J. **Cidades Para Pessoas**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 2015.
- GUEDES, Celieny da Silva. **Da casa ao lar: pela humanização das unidades de acolhimento de crianças e adolescentes em Natal/RN**. 2017. Dissertação de Mestrado. Brasil.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

ONU – Organização das Nações Unidas. **Estudio a fondo sobre todas las formas de violencia contra la mujer**. 2006. Disponível em: <http://cdd.emakumeak.org/ficheros/0000/0582/Estudio_violenciaONU.pdf>. Acesso em: 02 de abril de 2019.

PALLASMAA, Juhani. **Os Olhos da pele**. Brasil: BOOKMAN, 2011.

PARANÁ. Secretaria da Família e Desenvolvimento Social. **Plano Estadual dos Direitos da Mulher 2018-2021**. Paraná, 2018.

PERROT, Michelle. **Minha história das Mulheres**. São Paulo, SP, Brasil: Editora Contexto, 2007.

PONTES, S.P. **Por onde elas andam? Um estudo sobre a mobilidade de mães moradoras do Rio Bonito**. Curitiba, UFPR, 2016.

SEGATO, R. L. Las Estructuras Elementales de la Violencia: Contrato y Status em la Etiología de la Violencia. **Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília**. Brasília, DF, 2003.

SILVA, Taís Cerqueira. **Diretrizes Nacionais para o Abrigamento de Mulheres em Situação de Risco e Violência**. Brasília. 2011. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/entenda-a-violencia/pdfs/diretrizesnacionais-para-o-abrigamento-de-mulheres-em-situacao-de-risco-e-de-violencia>>. Acesso em: 13 março 2019.

SPM/PR – Secretaria Nacional de Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres. **Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres**. Brasília 2011. Disponível em: <<http://www.spm.gov.br/sobre/publicacoes/publicacoes/2011/politica-nacional>>. Acesso em: 18 abril 2019.

TENÓRIO, Gabriela de Souza. **Ao desocupado em cima da ponte**. Brasília, arquitetura e vida pública. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) — Programa de Pesquisa e Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Brasília. Universidade de Brasília, 2012.

UMUARAMA 24 HORAS. **CRAM de Umuarama realiza trabalho de acompanhamento e prevenção à violência contra mulheres**. Umuarama-PR, 11 jun. 2017. Disponível em: <http://umuarama24horas.com.br/ExibeNoticia?id=12876&item=CAM-de-Umuarama-realiza-trabalho-de-acompanhamento-e-prevencao-a-violencia-contra-mulheres>. Acesso em: 18 abr. 2019.

UNRIC – Centro Regional de Informação das Nações Unidas. **Estudo fundamental sobre violência doméstica**. Relatório da OMS realça amplitude do fenômeno e

seus graves efeitos na saúde. 2005. Disponível em:
<<https://www.unric.org/pt/mulheres/5651>>. Acesso em: 02 abril 2019.

VARANDA, Fernando. **Centro das Mulheres**. Senegal, 2014. Disponível em:
<<https://archnet.org/system/publications/contents/8711/original/DTP101210.pdf?1389281516>>. Acesso em: 14 junho 2018.